

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

SABRINA FIORESE

**INFÂNCIA, GÊNERO E CIDADE:
DISCUSSÕES EM BAIROS DE CURITIBA**

Curitiba – PR
2015

SABRINA FIORESE

**INFÂNCIA, GÊNERO E CIDADE:
DISCUSSÕES EM BAIROS DE CURITIBA**

Trabalho de graduação apresentado à disciplina Trabalho de Conclusão de Curso do Curso de Pedagogia do Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Prof.^a Dra. Valéria Milena Rohrich Ferreira

CURITIBA
2015

A todas as pessoas que colaboraram e me auxiliaram para que estivesse aqui, me incentivando no decorrer do curso, bem como a minha família, amigos e professores.

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer primeiramente a professora Valéria Milena que me auxiliou na realização deste Trabalho de Conclusão de Curso, que me orientou na Iniciação Científica e que esteve sempre presente, me ajudando em todas as minhas dificuldades relacionadas à pesquisa. Agradeço também o grupo estudos que sempre esteve trabalhando de forma coletiva, na ida às escolas, na entrega de questionários, nas entrevistas, na tabulação dos dados e nas leituras referente à infância e cidade.

Agradeço a minha família pelo suporte e pela amizade, por me ensinar a nunca desistir. Meus pais Dirceu e Jaqueline, meus irmãos John, Valquíria e Natália que sempre estiveram presentes em minha vida.

Devo os meus agradecimentos também as minhas colegas de sala Andrieli, Giseli, Mariane e Melissa, pois sempre estivemos trabalhando em equipe durante todo o curso.

Agradeço a todos os meus professores, desde aqueles da Educação Básica até o Ensino Superior, pois eles foram exemplos em minha trajetória, colaboraram para a ampliação e o desenvolvimento de novos conhecimentos. Agradeço o Adriano Senkevics e as professoras Gizele de Souza e Lennita Ruggi pelas indicações de leituras. Agradeço também a professora Adriane Knoblauch por se disponibilizar a ler e avaliar este trabalho.

Agradeço a todos os meus amigos, pessoas que tive oportunidade de conhecer nestes últimos anos, que fizeram parte e acompanharam a minha dedicação e a minha trajetória.

Por fim, agradeço a Deus pela minha vida e por tudo de bom que recebi dele.

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino.
Simone de Beauvoir

RESUMO

Este trabalho faz parte de uma pesquisa, que tem como objetivo compreender como as crianças se socializam nos diferentes espaços da cidade, sendo ele uma continuidade da pesquisa de iniciação científica que buscava também verificar as diferenças de gênero nos processos de socialização e apropriação dos espaços da cidade. Para essa análise foi realizado um levantamento teórico com o intuito de encontrar estudos que trabalhassem com aspectos relacionados ao tema de pesquisa. Foram entregues também, cerca de 1600 questionários em escolas municipais de bairros das nove regionais da cidade de Curitiba, sendo estes preenchidos pelos responsáveis das crianças, que tinham como objetivo verificar diversos aspectos sobre a socialização das mesmas nos bairros da cidade. Posteriormente, foram realizadas conversas com quatro crianças de duas escolas de cada regional para compreender como elas mesmas viam o bairro onde moravam. Buscou-se nessa pesquisa analisar algumas dessas conversas, compreendendo as diferenças de gênero com base na fala das crianças. Por fim, ao analisar os dados e as conversas foi possível compreender inúmeras diferenças entre os espaços e atividades realizadas por meninos e meninas, tanto na escola como no bairro, também a relação deles e delas com o consumo e o medo da violência. Para a construção deste trabalho, os principais autores utilizados foram: Sarmiento e Mollo-Bouvier para analisar a infância e socialização; Lecione e Martinez Bonafé para analisar a cidade; e Finco e Louro para analisar a categoria gênero.

Palavras chave: Infância. Socialização. Gênero. Cidade.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	7
2. INFÂNCIA, CIDADE E GÊNERO: UMA ANÁLISE TEÓRICO-CONCEITUAL	10
2.1 Gênero, infância e urbano: um levantamento bibliográfico.....	10
2.2 A infância como categoria de análise.....	16
2.3 O conceito de cidade e sua produção cultural.....	22
2.4 Compreendendo a categoria gênero: uma leitura das diferenças construídas entre meninos e meninas	27
3. A CIDADE E A CONSTRUÇÃO DE GÊNERO: ANÁLISE COM BASE NOS DADOS COLETADOS EM ALGUMAS ESCOLAS DA REDE MUNICIPAL DE CURITIBA	34
3.1 Atividades realizadas por meninos e meninas nos diversos espaços da cidade ...	35
3.2 Diferenças nos espaços da cidade frequentados por meninos e meninas	43
4. GÊNERO E CIDADE: UMA ANÁLISE DE CONVERSAS COM MENINOS E MENINAS DE ESCOLAS DA REDE MUNICIPAL DE CURITIBA	50
4.1 Atividades no contraturno: lazer ou afazeres domésticos?	51
4.2 Análise do consumo e suas relações com os gêneros feminino e masculino	55
4.3 A violência na cidade: o imaginário de medo construído por meninos e meninas .	58
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	62
REFERÊNCIAS	64

1 INTRODUÇÃO

A criança, de acordo com diversas perspectivas da sociologia da infância, tem sido vista como um sujeito que produz cultura, um ator social que interage e transforma o mundo. Portanto, a criança possui uma vida própria que não se restringe apenas às instituições frequentadas. Deste modo, é possível verificar que existem diferentes formas de socialização das crianças nos diferentes espaços da cidade e, tendo isso em vista, coloca-se o seguinte problema de pesquisa: **Há diferenças de gênero na socialização de meninos e meninas nos diferentes contextos de bairros e da cidade Curitiba?**

A pesquisa aqui realizada está relacionada ao projeto “Vivendo a infância na cidade: tensões e contradições nas redes de interdependência de crianças que se socializam em configurações urbanas do século XXI”, em que se estuda a socialização das crianças nos diferentes espaços da cidade de Curitiba. Em 2014/2015, nesta pesquisa, foram coletados dados quantitativos a partir de questionários entregues em 27 escolas municipais de Curitiba¹ de 14 bairros das nove regionais da cidade, sendo estes preenchidos por pais ou responsáveis pelas crianças. Tais questionários tratavam dos espaços do bairro e da cidade frequentados por crianças dos quartos e quintos anos do Ensino Fundamental. Foram entregues aproximadamente 1600 questionários retornando 1064 questionários. Posteriormente, foram realizadas pesquisas qualitativas, por meio de conversas com quatro crianças de 18 das 27 escolas² de aproximadamente 50 minutos cada uma, sobre como elas viam a cidade e o bairro onde viviam.

Este TCC é também uma continuidade e aprofundamento da pesquisa realizada na Iniciação Científica (IC), na Universidade Federal do Paraná, com o tema: “Diferenças no uso do bairro por meninos e meninas da rede municipal de ensino de Curitiba: um estudo inicial a partir de nove bairros da cidade”. Nesta pesquisa da IC foram trabalhados com os dados coletados na pesquisa acima

¹ Essa pesquisa foi autorizada pela Secretaria Municipal de Educação de Curitiba, pela direção das escolas pesquisadas e pelas próprias crianças, resguardando os princípios éticos discutidos pelo Setor da Educação da universidade.

² Nessa segunda etapa da pesquisa foram escolhidas duas escolas de cada regional, uma mais legitimada e a outra localizada em local mais vulnerável.

mencionada “Vivendo a infância...” no que se refere às questões de gênero, analisando a socialização de meninos e meninas na escola, nos bairros e na cidade.

Assim, neste Trabalho de Conclusão de Curso, foram analisados de modo mais aprofundado os dados já trabalhados na IC, e também foram apresentados e analisados novos dados quantitativos a partir dos questionários mencionados acima. Além disso, foram selecionadas dez conversas com crianças para uma análise qualitativa no que concerne às questões de gênero. Nestas análises, observou-se os espaços do bairro e da cidade que as crianças frequentam com ou sem a companhia dos adultos, compreendendo como as questões de gênero estão fortemente marcadas nos espaços que as crianças visitam e no que se refere a quem acompanha essas crianças nesses diferentes locais. Com relação às conversas com as crianças, buscou-se compreender como elas viam a cidade, sendo apontados aspectos específicos como: atividades no contraturno, consumo e o medo da violência, com o intuito de verificar as diferenças de gênero encontradas nas falas das mesmas.

Assim sendo, com relação aos aspectos metodológicos e para a compreensão do problema de pesquisa, algumas questões norteadoras foram feitas: Como brincam meninas e meninos nos diferentes bairros da pesquisa? Quais as atividades realizadas por eles? Que espaços eles frequentam? Como eles se vêm meninos e/ou meninas na cidade? Os espaços que as crianças frequentam são utilizados com o mesmo objetivo para meninos e meninas? A violência para eles é vista do mesmo modo?

A seguir são apresentados os objetivos da pesquisa:

OBJETIVO GERAL

- Analisar os diferentes modos de socialização de meninos e meninas nos bairros das nove regionais da cidade de Curitiba, compreendendo as suas diferenças por gênero e espaço;

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Verificar quais são os espaços da cidade que meninos e meninas frequentam e se socializam;

- Investigar os modos de brincar de meninos e meninas, constatando as diferenças e semelhanças entre os mesmos e entre os bairros da cidade pesquisados;
- Explorar análises das ciências sociais no que se refere à infância, gênero e espaços urbanos, trazendo uma relação entre tais categorias;
- Estabelecer relações entre a teoria analisada e os dados quantitativos recolhidos, buscando compreender como a infância é vista e como as crianças se socializam no município de Curitiba na atualidade;
- Analisar as conversas com as crianças, verificando as diferenças entre as atividades e percepções do bairro entre meninos e meninas.
- Compreender as diferenças referentes ao modo de ver a violência e o consumo de meninos e meninas a partir das conversas;

Este trabalho está dividido da seguinte forma: no segundo capítulo há uma análise bibliográfica no portal de periódicos da Capes, em que consta a pesquisa das categorias “gênero, infância e urbano”, trazendo artigos que possuem relações com o tema investigado. Ainda no mesmo capítulo apresenta-se ainda uma análise teórica dos conceitos infância, cidade e gênero de modo separado, trazendo as perspectivas que vêm sendo trabalhadas nesta pesquisa, tendo como principais autores das ciências sociais: Louro, Finco, Sarmiento, Lencioni e Martinez Bonafé. No terceiro capítulo buscou-se trabalhar os dados presentes nos questionários respondidos, investigando os espaços e as diferenças de gênero que são reforçadas por meio dos locais visitados e atividades realizadas pelas crianças. Por fim, no último capítulo, foram analisadas as conversas com as crianças, de modo a perceber como estas exploram o bairro e/ou cidade, tendo em vista as relações de gênero presentes nesses meios de socialização, atividades e espaços frequentados pelas mesmas.

2 INFÂNCIA, CIDADE E GÊNERO: UMA ANÁLISE TEÓRICO-CONCEITUAL

2.1 Gênero, infância e urbano: um levantamento bibliográfico

A proposta dessa pesquisa é verificar as diferenças de gênero encontradas nos espaços frequentados por meninos e meninas no contexto da cidade de Curitiba. Para isso, foi necessário analisar produções que possibilitaram a compreensão das categorias gênero, infância e urbano. Tais categorias foram fundamentais para o desenvolvimento da pesquisa, em que se buscou compreender como o espaço e a sociedade podem influenciar na construção de uma identidade de gênero. Primeiramente, foi realizado um levantamento das categorias infância, gênero e urbano na pesquisa de Iniciação científica, com o objetivo de encontrar textos que trouxessem análises contendo tais conceitos, esta análise será apresentada a seguir:

Nessa análise, foi realizada uma revisão de literatura no banco de dissertações e teses do Conselho de Aperfeiçoamento de Pessoal do Ensino Superior (CAPES), a partir dos descritores gênero, infância e urbano, fazendo um recorte temporal dos resumos dos últimos cinco anos, pesquisando apenas artigos a partir de uma seleção dos artigos revisados por pares, por ordem de relevância, recortando os cinquenta primeiros. Buscou-se analisar cada resumo, descartando os artigos que não possuíam resumo, aqueles que não apresentavam resumo em português e aqueles que não tratavam do assunto que se buscava analisar. Portanto, os vinte e um resumos que restaram nesta análise foram analisados e organizados no quadro abaixo:

Autor	Título	Palavras-chave	Tema	Instituição/Grupo de Pesquisa	Ano
PRETTO, Zuleica; DE S. LAGO, Mara C.	Reflexões sobre infância e gênero a partir de publicações em revistas feministas brasileiras	Infância. Gênero. Publicações Feministas.	Análise teórica sobre gênero a partir de revistas feministas	Revista Artemis	2013
DILIA	Calidad de vida y	Qualidade da vida,	Qualidade de vida	Unicef	2012

MIELES, Maria; ACOSTA, Alejandro	derechos de la infancia: un desafio presente	infância, direitos das crianças	das crianças	thesaurus - Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales	
XAVIER FILHA, Constantina	Era uma vez uma princesa e um príncipe...: representações de gênero nas narrativas de crianças.	Representações de gênero; pesquisa com crianças; gênero	Construção e representação de gênero a partir de textos infantis	Revista Estudo Feministas	2011
DUEK, Carolina	Infancia, desarrollo y conocimiento: los niños y niñas y su socialización.	Infância, Desenvolvimento, Trajetória social, Ecosistema comunicativo, Educação, Família.	Desenvolvimento e a constituição subjetiva dos meninos e meninas de classe média habitantes de grandes cidades e com acesso a determinados consumos culturais.	Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales,	2010
FRANCA, Marlene Helena de Oliveira	Criminalidade e prisão feminina: uma análise da questão de gênero	Gênero. Punição. Mulher. Criminalidade.	Criminalidade feminina	Revista Artemis	2014
FATORI DE SA, Daniel Graca; SANTOS BORDIN, Isabel A.; MARTIN, Denise ; DE PAULA, Cristiane S.	Fatores de risco para problemas de saúde mental na infância/adolescência.	Saúde mental; fatores de risco; criança; adolescente; estudos transversais	Problemas de saúde mental em crianças/adolescentes	Psicologia: Teoria e Pesquisa	2010
JIMENEZ BARBOSA, Wilson Giovanni; GONZALEZ BORRERO, Jorge Ivan	Calidad de vida urbana: una propuesta para su evaluación	Qualidade de vida, bens primários, liberdades, capacidades, Bogota, índice de pobreza multidimensional.	Qualidade de vida em Bogota	Revista de Estudios Sociales	2014
DE C. BRAGA, WALTER, Jr.	/ Entre historia e literatura: revisitando Dona Guidinha do Poco.	Gênero. Crime. Discurso. Literatura.	Machismo na literatura	Revista Artemis	2014
GOULART CARRIJO, Gilson	Poses, poses e cenários: as fotografias como	Fotoetnografia; gênero; migração; travestis; fotografia	Fotografias e poses de travestis	Revista Estudo Feministas	2012

	narrativas da conquista da Europa				
MENJIVAR, Mauricio	Ninos que se hacen hombres: conformacion de identidades masculinas de agricultores en Costa Rica.(Report)	Infância, masculinidade, trabalhadores agrícolas, Costa Rica, Historia do século XX	Mecanismos sociais da passagem da infância a idade adulta; contribuição das mulheres em dita construção; fatores em que explicam a inexistência da adolescência e processo de construção de identidade dos meninos com o das meninas	Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales	2010
LAZZARETTI DE SOUZA, Ana Paula; FINKLER, Lirene; DALBOSCO DELL'AGLIO, Debora; KOLLER, Silvia Helena	Participação social e protagonismo: reflexões a partir das Conferencias de Direitos da Criança e do Adolescente no Brasil.	Direitos da criança e do adolescente; participação; sociologia da infância; cidadania	Direitos de participação e protagonismo infanto-juvenis	Avances en Psicologia Latinoamericana	2010
GALLEGO, Gabriel	Primera experiencia homoerotica en varones en la ciudad de Mexico.(Report)	Inicição sexual, homoerotismo, masculinidade, México, sexualidade	Sexualidade homossexual	Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales,	2011
TUNON, Ianina	Determinantes de las oportunidades de crianza y socializacion en la ninez y en la adolescencia.	Meninice, adolescência, criança, socialização, desigualdade social, tipo de lar, Argentina	Socialização na infância: lares e desigualdade social	Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales (Universidade Católica da Argentina)	2010
HENRIQUE HELAL, Diogo; FERREIRA PIEDADE, Adriana	?Moderno o postmoderno? Un estudio exploratorio sobre el comportamiento de consumo de los emos en Belo Horizonte	Marketing. Pos-modernidade. Comportamento do consumidor	Emos e o consumo	Comunicacao, Midia E Consumo	2010
XIMENES, Liana Furtado; DE ASSIS,	Violência comunitária e transtorno de estresse pós-	Transtorno de Estresse Pós-Traumático, violência	Transtorno de Estresse Pós-Traumático na infância e	Psicologia: Reflexão & Crítica	2013

Simone Goncalves; PIRES, Thiago De Oliveira; AVANCI, Joviana Quintes	traumático em crianças e adolescentes	comunitária, crianças, adolescentes	adolescência		
GOMEZ RUIZ, Sebastian	Si, me he sentido triste, pero no se lo puedo decir": la reflexividad etnografica en la investigacion sobre emociones de la muerte con ninos y ninas de sumapaz en contexto de (pos)conflicto.(Paralelos)	Etnografia, emoções, infância, reflexividade, morte, (pós)conflito, silencio, desconfiança, Localidade 20, Bogota, Sumapaz	Emoções da morte com crianças de Sumapaz	Revista Antipoda	2013
LOPEZ, Ricardo	"Nosotros tambien somos parte del pueblo": gaitanismo, empleados y la formacion historica de la clase media en Bogota, 1936-1948	Populismo, classe media, classes sociais, identidades de gênero, Colômbia, século XX	Populismo gaitanista como prática politica e a formação de uma classe media durante os anos trinta e quarenta na Colômbia	Revista de Estudios Sociales	2011
SOLE, Carlota; SERRADELL, Olga; SORDE, Teresa	Ciudadania en femenino. Aportaciones de las mujeres inmigrantes marroquies, ecuatorianas y rumanas en Espana	Ciudadania, gênero, imigração, socialização, associacionismo	Migração feminina	Revista de Estudios Sociales	2013
CAPDEVILLE, Julieta	Redes religiosas femeninas en contexto de pobreza. Estudio de caso en Malvinas Argentinas, Cordoba.	Redes laborais, igrejas, pobreza, famílias, estratégias de reprodução social	Redes de intercambio entre uma igreja da ramificação dos "Hermanos Libres" e mulheres em contexto de pobreza	Revista Antipoda	2014

A partir da análise dos resumos, foi possível verificar que a maioria deles não relaciona os três termos gênero, infância e urbano. Uns abrangem as questões de gênero com outro viés que não o da infância especificamente, ou trabalham a

infância e gênero, ou gênero e urbano, ou somente uma das categorias citadas. Apenas um dos resumos analisados, de Duek (2010), trata da socialização de meninos e meninas das grandes cidades na construção da sua subjetividade tendo em vista o acesso aos espaços culturais disponibilizados, porém, este artigo analisa apenas a importância dos meios de comunicação no desenvolvimento da aprendizagem. Outro resumo interessante que pode ser destacado, de Pretto e Lago (2013) traz uma análise de artigos sobre infância e gênero, ele destaca como tais categorias aparecem nas revistas feministas, apresentando as diferentes temáticas abordadas pelos mesmos, porém, não há nenhuma análise que apresente as questões de gênero nos espaços da cidade.

A partir da leitura dos resumos, foi possível perceber que tais artigos poderiam ser úteis para uma análise mais aprofundada da pesquisa. Desta forma, os artigos foram lidos na íntegra com o intuito de encontrar informações que pudessem colaborar para o desenvolvimento da mesma. Assim, esses trabalhos encontrados serão descritos a seguir:

O texto “Infancia, desarrollo y conocimiento: los niños y niñas y su socialización.” de Carolina Duek (2010) explora a questão de que os modos de socialização de meninos e meninas variam a partir dos contextos sociais, culturais e educativos em que estão inseridos. Ela parte do pressuposto de que a infância é um momento da construção da subjetividade dos indivíduos e de desenvolvimento da socialização. Ela traz em seu trabalho uma perspectiva psicossocial de desenvolvimento, trazendo algumas concepções de Freud e Vygotsky no que se refere à influência do meio social nos processos de socialização de meninos e meninas.

Duek (2010) destaca ainda a importância de analisar o *habitus*, como expõe Bourdieu, pois cada criança possui aspectos culturais, econômicos, sociais e simbólicos que a norteiam. Desta forma, ela analisa crianças de seis a oito anos da classe média urbana, compreendendo a importância dos meios culturais para o desenvolvimento da aprendizagem. Primeiramente ela destaca que os meios de comunicação possibilitam que a criança inicie sua escolarização formal com um conjunto de saberes que a antecipa nesse processo de transmissão de conhecimentos hegemônicos. Ela expõe que o fato das crianças quererem contar o

que assistiram na TV ou o que leram faz com que desenvolvam a linguagem, possibilitando que ela interiorize esse conhecimento adquirido.

Além disso, a autora destaca que as formas de consumo, também colaboram para a construção da identidade dos meninos e meninas, como por exemplo, na compra de produtos com personagens (Barbie, Shrek, Toy Store etc.). Por fim, ela considera que o conhecimento é algo adquirido a partir de uma relação dialética entre o social, cultural e psicológico e que os estímulos sociais são fundamentais para o desenvolvimento da inteligência.

Já o texto “Análise teórica sobre gênero a partir de revistas feministas”, de Pretto e Lago (2013), busca compreender como a criança tem sido analisada em relação às questões de gênero. As autoras partem do pressuposto de que as crianças são sujeitos de direitos e atores sociais e modificam a sociedade, perspectiva esta fortemente marcada pelos autores da sociologia da infância. As autoras destacam que ao se pensar em criança, torna-se necessário analisar as questões de gênero que estão engendradas nas concepções e práticas presentes na vida da mesma.

Pretto e Lago (2013) dividem em subtemas, como as categorias gênero e infância foram abordadas nos artigos, são elas: gênero, sexualidade e escola; trabalho infantil; criança e família; criança e violência sexual; e infância, música, teatro, literatura e oficinas lúdicas.

Quando trata da escola, as autoras expõem que nos trabalhos analisados, de modo geral, existem discussões quanto o despreparo da mesma em relação ao trabalho com as diferenças de gênero, às políticas educacionais que não abrangem essa discussão e os modos de socialização de meninos e meninas nos espaços escolares. Ao analisar a violência sexual, as autoras destacam que de acordo com os trabalhos analisados, têm-se dado uma maior visibilidade à questão da violência sexual contra crianças, principalmente contra meninas, o que mostra que existem campanhas contra a pornografia infantil e os abusos sexuais. No que se refere à criança e família, as autoras encontraram discussões sobre a adoção de crianças, o papel da babá na educação das crianças, porém, nada que envolvesse o papel da família no desenvolvimento dos meninos e meninas. Ao compreender as categorias infância e trabalho, as autoras destacam que se tem analisado essas questões

tendo em vista a cultura e a localização espacial em que se discute o trabalho infantil, para que essas discussões não caiam em perspectivas puramente hegemônicas. Por fim, ao analisar a música, literatura, teatro e oficinas lúdicas, as autoras verificam que existem discussões que explicam que tais aspectos acabam, muitas vezes, reforçando estereótipos no que se trata à formação social do menino e da menina.

Tendo em vista o tema desta pesquisa, cabe destacar, contudo, que são poucas as produções que trabalham as categorias infância urbana e gênero, sendo que as mesmas se completam no caso da pesquisa que me propus realizar. Cabe, portanto, verificar a cidade como forma de transmitir valores e cultura, compreendendo que ela possibilita a socialização de meninos e meninas, construindo a identidade e a subjetividade dos mesmos.

Desta forma, na sequência desenvolve-se uma análise das categorias infância, cidade e gênero, que tem como objetivo apresentar as perspectivas que serão desenvolvidas no decorrer do trabalho.

2.2 A infância como categoria de análise

Ao se pensar em infância é necessário ter em vista as transformações e as formas como essa categoria foi vista no decorrer da história. De acordo com Sirota (2001), Durkheim e Buisson afirmavam que a criança era considerada um ser que não possuía voz, que tinha uma “inteligência fraca, tão frágil, tão recentemente formada, de constituição tão delicada, com faculdades tão limitadas” (2001, p.9) e que suas socializações eram mediadas pelos adultos.

A autora afirma que essa perspectiva durkheimiana perdurou durante muitos anos, tanto na sociologia da educação, como na sociologia geral, em que a criança era vista como um objeto passivo no seu processo de socialização. Desta forma, a criança, de acordo com Sarmiento (2008), durante muito tempo foi alguém “invisível”, pois não era considerada um sujeito de direitos, devido ao fato de não estar presente nos discursos sociais e nas análises sociológicas. Para ele, a Sociologia

não via a criança como um ser social, mas, analisava apenas “o aluno” e seus processos de socialização a partir do contato com os adultos.

Montandon (1998) expõe, em sua análise de trabalhos em língua inglesa sobre sociologia da infância, que a criança passou a ser estudada com maior atenção, pelos sociólogos, a partir dos anos 1920, embora tenha tido uma maior visibilidade somente depois disso, por sociólogos e psicólogos do desenvolvimento. Essa atenção dada à criança, de acordo com ela, se deu devido a um contexto de urbanização, industrialização, imigração e expansão da instrução pública, tendo em vista os problemas sociais decorrentes, bem como, o trabalho infantil, as deficiências mentais e a delinquência infanto-juvenil.

A princípio, ainda segundo a autora, a criança era analisada como um ser passivo no seu processo de socialização e esse processo acontecia devido à interação dela com os adultos, ou seja, de acordo com essa perspectiva, a criança agia conforme o meio em que estava inserida. Tendo isso em vista, a autora busca analisar os trabalhos sobre a infância dividindo-os em categorias temáticas, que são: as relações entre gerações, relações entre crianças, crianças como um grupo de idade e os diferentes dispositivos institucionais dirigidos às crianças.

Quando Montandon (1998) analisa as relações entre gerações, destaca que grande maioria dos autores analisados apresenta a socialização com uma perspectiva unilateral, colocando a influência do adulto na vida da criança. Porém, existem autores mais atuais que trazem perspectivas menos tradicionais e que destacam a influência da criança na vida dos adultos. Sobre essas relações entre as gerações ela expõe que:

de um lado, há os que sustentam a ideia de uma uniformização crescente e que por isso não veem a utilidade de uma sociologia da infância. Por outro lado, há os que pensam que as diferenças tornam-se mais sutis e o importante hoje é considerar não somente as diferenças entre gerações, mas também entre crianças de idades diferentes. Por outro lado, ainda, a multiplicidade das dimensões que marcam as diferenças deve ter mais precisão (1998, p.40).

Ao buscar compreender as crianças e os dispositivos institucionais criados para elas, a autora destaca que a escola ocupa grande parte dos trabalhos. Ela expõe que a partir das instituições direcionadas às crianças, passa-se a surgir

maiores análises e pesquisas tendo em vista as influências destas no cotidiano dos pequenos. Alguns autores destacam que as crianças são sujeitos ativos nos espaços institucionais, e que elas interferem e alteram a realidade dessas instituições.

Em relação ao “mundo da infância: interações e cultura das crianças”, Montandon (1998) destaca que os trabalhos analisados tratam de brincadeiras e as relações entre as crianças. Para ela, esses são os trabalhos que mais contribuíram para o desenvolvimento da sociologia da infância, em que os autores estavam insatisfeitos com as teorias da socialização que por muito tempo viam a criança como objetos da ação dos adultos. Nessas análises, a autora destaca Corsaro como um dos promotores da abordagem interpretativa, em que para ele a criança não somente reproduz o que é aprendido, mas interpreta e se apropria ao seu modo do que lhe é transmitido. A autora destaca também, que alguns autores analisam aspectos da comunicação com relação às conversas das crianças e seus processos de interação entre elas. Para ela, esses trabalhos “revelam um conjunto variado de exemplos do papel das crianças na criação do mundo social em que vivem e da sua cultura. Mostram que as crianças possuem saberes particulares, humor, um senso das possibilidades oferecidas pela língua, ideias sobre a realidade social que as rodeia” (1998, p.46).

Ao analisar os trabalhos sobre as crianças como grupo social, a autora destaca que para os sociólogos a criança é um segmento da sociedade, tendo ela um núcleo cultural específico. A autora destaca que os autores analisados, discutem que considerar a infância como objeto sociológico não significa desconsiderar as diferenças culturais entre as crianças, mas levar em conta que existem semelhanças nos modos de interação independente dos meios culturais em que estão inseridas.

A sociologia da infância, segundo Montandon (1998), tem como objetivo romper com as ideias clássicas de que a socialização ocorre somente a partir das interações com os adultos, e defende a ideia de que as crianças são ativas no seu processo de socialização, são atores sociais e produzem uma cultura própria, são importantes na interação com as pessoas, as instituições, reagem aos adultos, negociam e redefinem a realidade social.

Já para Pinto e Sarmiento (1997), foi a partir da década de 1990, que os estudos relacionados à criança deixaram de ser somente relacionados à área psicológica e médica, e passaram a ser também direcionados à sociologia. Passou-se, portanto, de acordo com os autores, a dar-se maior visibilidade à criança e às problemáticas associadas à infância, dentre elas, a pobreza e o trabalho infantil, os direitos da criança, entre outros. Desta forma, foram criados os direitos da criança com o intuito de melhorar os problemas sociais relacionados à infância, mas estes não foram suficientes para acabar com a intensificação de fatores que fazem das crianças o grupo etário que se encontra mais sujeito à opressão, violência, assassinato, trabalho infantil e pobreza.

Os autores destacam ainda, que embora a criança tenha sido defendida como um sujeito de direitos com autonomia e produtora cultura, existem paradoxos que a envolvem, em que a mesma, muitas vezes não é ouvida pelos adultos, é obrigada a seguir regras estipuladas pelas instituições, cria-se leis, mas ela continua sofrendo abusos e violências físicas e simbólicas.

Com o avanço dos estudos da Sociologia da Infância, a criança, portanto, começa a ser vista como um sujeito ativo no seu processo de socialização. Para Sarmiento (2002), os modos de brincar das crianças variam de contexto para contexto, de condição social para condição social, de cultura para cultura, porém, existe algo em comum que assemelha os modos de brincar das crianças: as experiências imaginárias construídas por elas através do jogo. O autor destaca ainda, que essas experiências imaginárias são formas que permitem verificar as construções sistematizadas dos modos de significação do mundo realizadas pelas crianças. Para ele, mais do que estarem imersas em uma determinada cultura, as crianças também produzem suas próprias culturas, porém, essas culturas (cultura infantil e societal) são interdependentes e “atravessadas por relações de classe, de gênero e de proveniência ética” (2002, p.4).

Sarmiento (2003) expõe que as crianças são produtoras de cultura, autônomas e interagem com o meio em que estão inseridas. As formas de interação das mesmas, de acordo com o autor, acontecem de maneira distinta da dos adultos, mas produzem significados, representações e simbolizações do mundo. Além disso, ele destaca que o mundo infantil é heterogêneo, pois a criança está em contato com

várias realidades diferentes, estas realidades são as que colaboram com a formação da sua identidade.

Ao se apropriarem das realidades que vivenciam, as crianças, de acordo com Corsaro (2009), participam da sociedade e das culturas de pares, absorvendo informações relacionadas à cultura dos adultos, com o intuito de atender seus próprios interesses de criança. Essa apropriação, reprodução e interpretação do conhecimento adquirido é chamada pelo autor de reprodução interpretativa. As crianças, ao realizarem suas interações com as culturas de pares, interiorizam o conhecimento adquirido e produzem seus próprios conhecimentos e interpretações. A cultura de pares é definida pelo autor como sendo um conjunto de “atividades ou rotinas, artefatos, valores e interesses que as crianças produzem e compartilham na interação com seus pares” (2009, p.32).

A sociologia da infância trouxe um novo olhar em relação às crianças, em que se buscou verificar as formas com que elas se relacionam entre si, eliminando aquela ideia clássica da criança como objeto passivo no seu processo de socialização. Desta forma, muitos autores negam as teorias de socialização, expondo que a mesma é algo que contradiz os pressupostos da sociologia da infância. Porém, aqui neste trabalho expõe-se que existem muitas teorias da socialização menos tradicionais que consideram a criança como sujeito ativo no seu processo de interação com as outras crianças, mas que esses modos de interação também são influenciados pelo meio social e pela cultura que a criança está inserida. Essa questão é destacada por Sarmiento (2008), que expõe que:

a emergência contemporânea de um novo surto do discurso sociológico centrado na infância toma por referência uma revisão crítica do conceito de ‘socialização’, sendo as crianças analisadas como atores no processo de socialização e não como destinatários passivos da socialização adulta, colocando-se sob escrutínio as relações complexas de interação na comunicação de saberes e valores sociais [...] e considerando a complexidade das variáveis sociais em presença [...] (2008, p.21).

Visto isso, é possível compreender que uma teoria inovadora referente à socialização contribuiu para uma compreensão dos processos sociais inerentes à infância, sendo ela capaz de conversar com a Sociologia da Infância de modo a ampliar o conhecimento sobre tal categoria. Mollo-Bouvier (2005) complementa tal afirmação expondo que não se deve tomar a socialização no sentido clássico, como

expõe Durkheim, sendo algo realizado pelos adultos e não pelas crianças, mas compreendê-la numa perspectiva interacionista, que insiste na ideia de vínculo entre o conhecimento de si e do outro. A socialização de acordo com a autora é um processo contínuo, mas não é linear.

De acordo com esta autora, existe uma construção social em relação às idades da criança, em que estas idades variam de sociedade para sociedade, de uma época para outra, de criança para criança e de cultura para cultura. Ela destaca, portanto, que existem indícios que apresentam mudanças nos modos de socialização das crianças e a delimitação social do período da infância. Ou seja, cada faixa etária possui interesses diversificados, que variam nos processos de socialização das crianças. Tendo em vista as mudanças sociais, a autora destaca que são criadas instituições que visam atender as crianças conforme suas faixas etárias. “Cada idade, cada tempo, cada lugar, cada atividade da criança cria instituições específicas” (2005, p.396). Ela considera que tais instituições buscam desenvolver uma série de exigências que ajustam a vida da criança tendo em vista as necessidades dos adultos e do mundo do trabalho.

Ainda de acordo com Mollo-Bouvier (2005), a sociologia da infância possibilitou compreender melhor as mudanças relacionadas às concepções de infância, apresentando que a criança não é apenas portadora de passado e futuro, de esperança e nostalgia, como também de investimento, em todos os sentidos do termo:

Investimento afetivo que monopoliza tanto a afetividade do casal como a capacidade emocional da coletividade; investimento material, também, para preservar ou melhorar os bens ou a posição social da família; investimento para a sociedade: a criança do demógrafo e a do economista permitem prever o tempo de sobrevivência de uma sociedade ou escalonar em longo prazo o problema do pagamento de aposentadorias ou das orientações das políticas orçamentárias (2005, p.399).

Vê-se, portanto, a importância da criança nos diversos âmbitos da sociedade e que a mesma modifica o ambiente que está inserida. Portanto, entende-se que ela é uma atora na sociedade, tem importância, tem seu espaço, precisa de investimentos e cuidados. Desta forma, compreende-se que ela interage com os diversos sujeitos, pais e familiares, professores, outras crianças, pessoas externas nas diversas instituições, como igreja, escola, transporte público etc.

Tendo isso em vista destaca-se que a interação com os pares e com adultos possibilita que a criança possa ampliar seu conhecimento de mundo, compreender culturas diversas daquela em que está inserida. De acordo com Barbosa (2007) o capital cultural que uma criança possui não vem apenas da socialização com os pais, mas é transmitido também pela família, vizinhos, igreja, escola etc., ou seja, por pessoas que estão em contato com a criança. Desta forma, ela destaca ainda a importância da escola compreender essas diferenças culturais e familiares e buscar uma interlocução entre a cultura escolar e a cultura das crianças na escola. Novamente busca-se expor que a criança é atora e interage com o meio que está inserida, mas não se desconsidera a importância do meio sócio-cultural para a construção da sua subjetividade.

Contudo, é possível destacar a importância das discussões da Sociologia da Infância na compreensão da criança, em que ela deixa de ser vista apenas como uma tábula rasa, passando a ser compreendida como um sujeito ativo, que produz cultura e interage com o meio em que está inserida. Desta forma, como destaca Sarmiento (2008), analisar a infância é também uma forma de conhecer a sociedade, o que possibilita uma reflexão de diversas instâncias institucionais para a compreensão de uma Sociologia Geral. Cabe mencionar, portanto, a relevância de tal estudo para a educação, para compreender as questões inerentes à sociedade, em que se busca notar a criança como membro social e não como um mero produto dos adultos, como alguém que possui voz, que não só reproduz, mas também produz conhecimentos.

2.30 conceito de cidade e sua produção cultural

A cidade apresenta uma pluralidade de sentidos, produz cultura e conhecimentos, é mais do que uma categoria, ela e diversas outras instituições colaboram para os processos de socialização entre os sujeitos e cada espaço transmite algum tipo de informação, colaborando para a construção da subjetividade dos indivíduos. Italo Calvino (2002), em sua descrição e reflexão sobre “as cidades

invisíveis³” expõe que a cidade é um lugar carregado de símbolos, que ela “diz tudo o que você deve pensar, faz você repetir o discurso” (p.51). Essa compreensão permite a reflexão de que existem diversos aspectos que envolvem a cidade, que a mesma produz símbolos, que é carregada de significados, ela não é neutra no processo de produção de conhecimento dos indivíduos, ela é um espaço educativo que colabora para a formação dos sujeitos.

De acordo com Lencioni (2008), o conceito de cidade e de urbano é algo muito complexo de ser compreendido, pois existem muitas incertezas acerca de tais categorias de análise. Para ela, analisar conceitos não é uma tarefa fácil, pois é necessário levar em conta os seguintes aspectos: a construção de conceitos é um exercício de pensamento do real; é uma forma de reflexo dos objetos; os conceitos são objetivos (pois estão relacionados ao objeto) e subjetivos (pois existem em nosso pensamento); eles refletem aquilo que é essencial, possuem um grau de generalização e simplificação; se modificam e se renovam; nenhum conceito é independente de outro, sempre guardam uma relação entre si; e por fim, o conceito não existe sem uma definição, é necessário apresentá-lo na forma de linguagem.

Esta autora primeiramente analisa a palavra cidade tendo em vista a descrição de dicionários, em síntese conclui que, de acordo com os mesmos, a cidade é vista como um local onde se tem uma maior aglomeração de pessoas, comércios, ruas pavimentadas, praças, parques, numerosas casas, atividades culturais, mercantis, industriais, financeiras. Porém, de acordo com a autora, a cidade não pode ser analisada somente com tais perspectivas, pois ela é um objeto de perpétua mudança, ela modifica no decorrer do tempo, por exemplo, uma cidade da Idade Média é diferente da cidade Contemporânea, mas a palavra continua a mesma. A autora menciona a perspectiva de Norbert Elias, pois este afirma que devido ao fato de não conseguirmos expressar o movimento e as mudanças constantes, mantemos a palavra e acrescentamos um adjetivo para complementá-la.

A cidade para Lencioni (2008) é um produto social, pois é a relação do ser humano com meio que está inserido, claro que isso não significa necessariamente que o simples fato do homem ter uma relação com o meio formará uma cidade. Portanto, o que a autora frisa é que mesmo com as diferenças espaciais e

³ Título dado ao livro de Calvino (2002).

temporais, a cidade, do ponto de vista brasileiro, traz a ideia de aglomeração, se caracteriza com a presença de mercado, e é aquela que possui uma administração pública. Por fim, a autora destaca que existem diversas incertezas nas análises conceituais, porém, essas análises são necessárias para uma possível compreensão do real.

Desta forma, cabe destacar a importância de compreender o que a cidade representa para os sujeitos, o que ela traz, desenvolve e simboliza. Visto isso, é possível salientar que de acordo com Dietzsch (2006), a cidade é muito mais do que uma paisagem geográfica, ela possui um sentido que vai muito além disso, ela possui simbolizações e significados, ela oferece imagens e memórias que são importantes para compreender o que é a cidade.

A autora analisa aspectos relacionados aos termos que chegaram à palavra cidade e expõe que do termo grego *polis*, que foi traduzido pelos romanos para *civis*, possibilitou a criação das palavras cidadão, cidadania e cidade. Ao longo da história, conforme o que foi destacado pela autora, situações diferentes identificam o que é ser cidadão e o que é cidade, mas com o avanço da democracia ateniense, vai se constituindo a ideia de cidade livre. É neste momento que alguns homens em praça pública se reúnem para discutir o destino da cidade. As cidades, portanto, com base na autora, se modificam em função do tempo e do espaço e produzem uma pluralidade de significados e interpretações, que muitas vezes podem parecer até mesmo inteligíveis.

Dietzsch (2006) vê a cidade como um símbolo inesgotável da existência humana, que pode ser vista por meio de diversas perspectivas. Ela expõe que a cidade moderna é um lugar que possui riscos e enganos, também um lugar que possui cultura, arte, aspectos estes produzidos pela imaginação humana. Além dos fatores que tornam a cidade esteticamente bela, existem elementos que reforçam a exclusão. Parafraseando a autora:

Quando vista em sua totalidade, a megalópole se rompe em ilhas de opulência e em detritos de exclusão. Dilacera-se em lugares de tensão por onde podem circular, não apenas as desigualdades e a miséria, mas também a lembrança de um tempo passado, a esperança da hora presente, a fluidez do sonho e da imaginação (2006, p.731).

Deste modo, conforme a autora, a cidade é vista pelos habitantes por meio de diversas perspectivas, podendo ser um lugar de privilégios ou de restrições, devido a sua grande concentração populacional e pelas suas contradições sociais. Assim sendo, ela pode representar a violência e a miséria, assim como o luxo e o consumo. Dietzsch (2006) delinea em seu texto os problemas de exclusão social que se transformam em estereótipos em relação às classes populares. Como se fossem só as classes desfavorecidas as responsáveis pela violência, pelos furtos e problemas decorrentes da vida cotidiana. Ela destaca que:

Nessa ideologia do mascaramento, pode parecer natural que as crianças pobres, filhas de 'pais analfabetos e ignorantes', sejam reprovadas e abandonem a escola. A violência não está na escola que negligencia o ensino, mas na criança e em seu ambiente cultural; [...] Mais do que a crítica, é a naturalidade que permeia inúmeras ações que ocorrem não apenas na escola, mas também nos hospitais, nos órgãos policiais e tantas outras instituições públicas (2006, p.732)

Para Diezsch (2006, p.734), é necessário ensinar a cidade para os indivíduos, buscando entendê-la como “uma construção humana que pode ser falada, escrita, reescrita, escutada, imaginada e projetada”, tendo ela diversas linguagens e discursos tanto passados como presentes. Embora tenha se acabado o papel das praças (ágoras), ainda existem locais que possibilitam o homem falar, ouvir, contar e memorar, que são os museus, bibliotecas, teatros, escolas, entre outros espaços que possibilitam a interação entre os sujeitos.

Ao compreender a importância da cidade na construção da subjetividade dos indivíduos, cabe destacar as contribuições de Martínéz Bonafé (2010) que apresenta a cidade como uma forma material de cultura, como aquela que faz emergir mensagens, que constrói e destrói experiências. Deste modo, ele se refere à cidade como currículo, pois para ele “o sujeito habita a cidade e é habitado por ela”, assim como “o currículo habita o sujeito e é habitado por ele”. Isso quer dizer que, existe uma relação dialética entre a cidade e o sujeito, ou seja, ao mesmo tempo em que o sujeito produz a cidade, esta também produz o sujeito.

O autor destaca com relação à escola não apenas a importância de visitar museus e espaços educativos que reforcem a expansão dos saberes dominantes, mas a valorização dos saberes e significados relacionados às experiências de vida dos sujeitos. Ele apresenta, portanto, que a cidade pode tanto trazer significados

que direcionam ao consumo, como também fatores que permitem a emancipação humana. Nas palavras dele:

A cidade é então o âmbito de criação de experiências culturais nas quais as mensagens normalizadoras que nutrem o desejo consumista do indivíduo podem ser ao mesmo tempo as que desempenham um papel emancipador, ao difundir no conjunto de corpo social os valores do hedonismo e da liberdade. (2010, p.449)

Além disso, Martinez Bonafé (2010) destaca a presença das desigualdades sociais localizadas nas grandes cidades, menciona que a pobreza existente é resultado do êxodo rural que derivou do sistema capitalista. Essa pobreza, muitas vezes é invisível nos discursos urbanistas, o que faz com que se criem preconceitos com relação às classes populares.

Sobre essa exclusão, Caldeira (2000) destaca, a partir de uma análise sobre a segregação e preconceitos na cidade de São Paulo, que esse afastamento das classes decorre devido ao medo da violência que se relaciona com os processos de mudança social nas cidades contemporâneas, o que gerou novas formas de segregação e discriminação social. Este medo fez com que as pessoas das classes dominantes utilizassem de novas tecnologias e estratégias de proteção, bem como a sua retirada a bairros tradicionais da cidade, implantação de câmeras e a construção de grandes muros. Essas estratégias de afastamento fazem com que haja uma separação e uma divisão entre as classes populares e as classes mais abastadas, gerando preconceitos e a construção não só de muros físicos, mas também de muros simbólicos entre tais classes sociais.

Desta forma, vê-se que a cidade produz inúmeros símbolos, estes que podem ser positivos ou negativos, colaborando com a construção dos sujeitos, oferecendo-lhes experiências diversas que não podem ser desconsideradas quando se pensa em currículo. Contudo, cabe destacar a importância de ver a cidade como um contexto educativo e cultural que possui significados e que transmite valores que variam de região para região, de período histórico para período histórico, de classe social para classe social, além de questões como as de gênero, raça, religião, entre outros. Desta forma, ver a cidade como transmissora de conhecimento, possibilita que seja compreendida a influência da mesma na construção subjetiva dos indivíduos e nos processos de socialização e interação entre os mesmos. Além

disso, torna-se necessário ter em mente como a cidade é explorada e vista por cada sujeito. Assim, pode-se verificar a importância dos símbolos e significados que ela transmite para a sociedade.

2.4 Compreendendo a categoria gênero: uma leitura das diferenças construídas entre meninos e meninas

As questões de gênero vêm tomando espaço a cada dia em nossa sociedade, o que possibilita uma compreensão mais ampla dos aspectos relacionados às discussões feministas, suas críticas e suas defesas. Desta forma, para iniciar este subtítulo, busca-se discutir o que significa a categoria gênero e quais são suas implicações na sociedade. Para isso, faz-se uma análise teórica de autores que trazem essas discussões, que colaboram unanimemente para a compreensão de tal categoria.

Para Louro (2014), o conceito de gênero está intimamente ligado aos movimentos feministas contemporâneos, que lutam contra a opressão das mulheres, a violência, o preconceito e o machismo. Ela destaca que esses movimentos tiveram maior visibilidade na virada do século, com o chamado sufrágio (movimento que tinha como objetivo estender o direito ao voto às mulheres). Os objetivos mais imediatos em relação ao movimento eram relacionados à organização da família, oportunidade de estudo e acesso a determinadas profissões. A autora expõe que foi na década de 1960 que este movimento teve maior efervescência, em que mulheres brancas, negras, pobres e ricas, jovens e estudantes se reuniram para contestar sobre os tradicionais arranjos políticos e sociais, a discriminação, a segregação e o silenciamento. Foi a partir desses movimentos que a visibilidade aumentou, passando a surgir maiores discussões, produções acadêmicas, abertura de direitos, que até então as mulheres não tinham, o acesso a empregos em locais tidos como masculinos, entre outros.

As questões de gênero para Louro não têm como objetivo contrapor as diferenças sexuais, mas analisar como essas diferenças são representadas e socialmente construídas em nossa sociedade. Ou seja, não se nega a biologia, mas

se enfatiza as construções históricas e sociais produzidas sobre as características biológicas. A palavra gênero então é entendida como constituinte da identidade dos sujeitos, ou seja, ela “transcende o mero desempenho de papéis, a ideia é de perceber o gênero fazendo parte do sujeito, constituindo-o” (2014, p.29). Ela destaca ainda que:

Ao aceitarmos que a construção de gênero é histórica e se faz incessantemente, estamos entendendo que as relações entre homens e mulheres, os discursos e as representações dessas relações estão em constante mudança. Isso supõe que as identidades de gênero estão continuamente se transformando. Sendo assim, é indispensável admitir que até mesmo as teorias e as práticas feministas – com suas críticas aos discursos sobre gênero e suas propostas de descontração – estão construindo gênero. (2014, p.39).

Tendo em vista esta construção de gênero, cabe destacar o que Louro (1994) expõe sobre tal quesito, em que para ela o gênero é uma construção social e histórica e que é necessário levar em consideração que essa construção varia em cada ou em uma mesma sociedade e em tempos históricos diferentes.

Desta forma, cabe mencionar as contribuições de Nicholson (1999) que expõe que a palavra gênero é vista de dois modos, o primeiro diz respeito à descrição de gênero como oposto à palavra sexo, descrevendo o que é socialmente construído em oposição do que é biologicamente dado. Em contrapartida, a palavra gênero é também colocada como algo que analisa a construção social das diferenças masculinas e femininas e as diferenças entre seus corpos, ou seja, o significado de sexo está contido no significado de gênero. Porém, ela destaca que perceber uma diferença física entre os indivíduos não significa que possa usá-la para explicar as diferenças básicas na população humana.

De acordo com Vianna e Finco (2009), o conceito de gênero está relacionado à dinâmica de transformação social, que vai além dos corpos e do sexo biológico, essa categoria gênero permite que se “reconheça a tendência à naturalização das relações sociais baseadas na fisiologia dos corpos e enxerga-los como signos impressos por uma sociedade e por uma cultura” (2009, p.270). Portanto, a palavra gênero compreende as diferenças sexuais entre os sujeitos e busca avaliar as diferenças sociais encontradas em homens e mulheres. Para ela:

Ultrapassar a desigualdade de gênero pressupõe, assim, compreender o caráter social de sua produção, a maneira como nossa sociedade opõe, hierarquiza e naturaliza as diferenças entre os sexos, reduzindo-as às características físicas tidas como naturais e, conseqüentemente, imutáveis. (2009, p.270)

Desta forma, cabe destacar, que de acordo com tal perspectiva, as diferenças cognitivas e as funções sociais de meninos e meninas não necessariamente são biológicas e naturais, pois existem modos de socialização que exercem controles em relação aos indivíduos e expectativas quanto ao seu sexo. Vê-se, desta forma, que a categoria gênero busca romper essa ideia de que o biológico é o que determina a função do homem e das mulheres.

A palavra gênero, portanto, de acordo com Scott (1989), teve diversas modificações, realizadas por inúmeros pesquisadores, em seu significado no decorrer da história, em que já foi visto como: rejeição à palavra sexo; análise das diferenças sexuais entre homens e mulheres; como um sinônimo da palavra mulheres; com uma preocupação maior quanto à identidade sexual subjetiva; entre outros. Ela destaca ainda que as preocupações teóricas quanto à definição da categoria gênero surgiram apenas no final do século XX, isso pode ser explicado devido à dificuldade “que as feministas contemporâneas têm tido de integrar o termo gênero em conjuntos teóricos pré-existentes e em convencer os adeptos de uma ou de outra escola teórica que o gênero faz parte do seu vocabulário” (1989, p.19).

Scott (1989) destaca ainda que a definição do termo gênero, em seu ponto de vista, diz respeito às relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos, e ainda uma forma de significar as relações de poder. Essas relações sociais de poder não tratam apenas das questões domésticas, mas incluem os diversos âmbitos da sociedade, bem como, o trabalho, a educação, o sistema político, entre outros aspectos que envolvem as diferenças construídas nas inúmeras instituições sociais. O termo gênero, para a autora, busca compreender as relações complexas entre as diversas formas de interação entre os seres humanos. Porém, ela não desconsidera as diferenças biológicas dos indivíduos, mas analisa as diferenças sociais existentes.

Portanto, essa categoria de acordo com Louro (1994), assim como o conceito de classe, não é uma categoria pronta e estática, ela é passível a transformações.

Embora algumas discussões de gênero também sejam aplicadas à categoria classe, existem diferenças entre elas, pois a autora destaca que gênero não implica apenas a uma categoria social, mas existe nela um componente biológico. Para ela, quando os sujeitos nascem carregam consigo algumas características biológicas, porém, essas características entram no âmbito social, o que faz muitas vezes os indivíduos acreditar que as diferenças são naturais e biológicas. A autora cita que:

Assim, os gestos largos, a fala forte, os passos amplos, a dedicação a tarefas que exigem força física, o maior desembaraço nas ações públicas etc., são usualmente atribuídos aos homens; enquanto que, em contrapartida (já que o conceito de gênero é relacional), se espera que as mulheres sejam mais discretas no falar e no andar, tenham gestos mais delicados, sentem-se e movimentem-se com graça e pudor, desempenhem-se com maior desenvoltura no cuidado de crianças e no trato com assuntos domésticos etc. (1994, p.38)

Desta forma, é possível verificar que a sociedade vê as diferenças de gênero muitas como vezes naturais, como algo biológico. Assim, Louro (1994) destaca as contribuições de Bourdieu no que se refere a análise das relações de dominação social do sexo. A autora descreve que Bourdieu afirma que no processo de socialização se é inculcado o “*habitus* sexuado e sexuante”, em que não acontece apenas uma construção social, mas também corporal, pois cada um dos sexos aprende gestos, posturas, falas, disposições, entre outros, o que contribui para a formação social do homem e da mulher. Portanto, para Louro (1994), os processos educativos constituem numa construção social e corporal dos indivíduos, esta construção social e corporal implica na transmissão de “princípios, valores, conhecimentos, habilidades, na transmissão de gestos, posturas comportamentos, disposições ‘apropriados’ para cada sexo” (1994, p.41).

Para Felipe (2000), nos diversos campos do conhecimento (bem como na Filosofia, Religião, Pedagogia, Medicina, Literatura) e nas instituições sociais, são criadas expectativas em relação a cada sexo. Ela cita Rousseau e Fröebel, que em suas teorias colocavam a importância de uma educação diferenciada para meninos e meninas. Durante muito tempo, de acordo com a autora, a educação era realizada de modo distinto entre meninos e meninas, pois havia muito fortemente a ideia da diferença entre homens e mulheres como algo biológico, natural, da essência, com uma ideia de instinto direcionado a cada sexo.

A educação para a mulher, de acordo com Felipe (2000), analisando alguns manuais de bons comportamentos dos séculos XVIII ao XX vinha pautada na religião, com a ideia de mulher como aquela que serve ao seu marido. Essa perspectiva impunha a mulher numa condição de aprisionamento, como a boa mãe e boa dona-de-casa. Além disso, as meninas e mulheres eram obrigadas a se comportar de modo comedido e recatado, sem poder manifestar seus sentimentos e afetos, alegria e espontaneidade. Já o menino era educado de modo a não ter uma “familiaridade perigosa”, não podiam andar em pequenos grupos, nem manifestar contato físico entre eles. Portanto, a autora destaca que esse processo educacional estava relacionado ao controle dos corpos masculinos e femininos, impondo-lhes uma série de expectativas quanto aos comportamentos, hábitos e atitudes. A autora destaca que:

Tais representações muito provavelmente instituíram sentidos, construíram identidades de gênero e identidades sexuais de meninas e mulheres, instaurando saberes, produzindo ‘verdades’ de modo a regular e normatizar a vida das pessoas (2000, p.119).

Portanto, cabe destacar que existem instrumentos de regulação, estes que determinam as funções femininas e masculinas, colocando determinados comportamentos como verdades únicas, em que cada indivíduo deve se comportar de acordo com seu sexo. Tendo isso em vista, cabe destacar que, de acordo com Vianna e Finco (2009) existem diversas pesquisas biológicas e médicas que encontram diferenças entre meninos e meninas, que buscam fundamentar que a mulher possui maiores aptidões no que se trata às linguagens e a utilização simultânea de ambos os hemisférios cerebrais. Porém, as autoras destacam que existem modos na socialização de meninos e meninas que direcionam as crianças a realização de determinadas atividades.

Viana e Finco (2009) expõem que as crianças, desde muito pequenas são educadas e controladas a partir das suas diferenças sexuais, esse controle, entretanto, é permeado por formas sutis e muitas vezes não percebidas. O corpo, de acordo com as autoras, é alvo de práticas disciplinares, estas que podem ocorrer por meio da repressão, ou por meio de discursos que fazem as crianças possuírem uma imagem estigmatizada de si mesmas. Elas destacam que as preferências das crianças não são meras opções biológicas, mas são construções sociais e históricas.

As autoras destacam que a construção social do homem e da mulher acontece desde a infância, em que se esperam comportamentos específicos para cada sexo, sendo estes reforçados, às vezes de forma inconsciente, por meio de práticas cotidianas desde a educação infantil. Elas destacam que uma das formas mascaradas de controle na infância é a disposição de brinquedos que ensinam as crianças a se comportarem como verdadeiros meninos e verdadeiras meninas, reforçando as funções sociais dos homens e mulheres. Além disso, as autoras expõem que as escolas e famílias buscam orientar e reforçar comportamentos e habilidades específicas para cada sexo, transmitindo determinadas expectativas consideradas mais adequadas para meninos e meninas. Estes (as) são educados de maneiras distintas, sendo realizadas estratégias aparentemente invisíveis na interação das crianças com seus familiares e professores.

Viana e Finco (2009) consideram que ao educar as crianças, os professores realizam uma “vigilância hierárquica”, controlando o corpo das crianças para que as mesmas se comportem conforme o que lhes é estipulado. Também realizam uma “sanção normalizadora⁴”, em que buscam fazer com que as crianças interiorizem seus comportamentos como sendo femininos ou masculinos, a partir de correções e punições. Elas destacam, portanto, que essa disciplina implica em construir corpos submissos e controlar os comportamentos de meninos e meninas, e expõem que:

[...] mesmo quando a disciplina insiste em fabricar corpos submissos e afeitos aos padrões tradicionais de gênero, esses corpos, mesmo ainda pequenos, insistem em resistir e rebelar-se. Meninos que se vestem de noiva, meninas consideradas abrutalhadas destoam das habilidades de gênero que muitas vezes as professoras insistem em reforçar, transmitindo expectativas quanto ao tipo de comportamento considerado ‘mais adequado’ para cada sexo, manipulando recompensas e sanções sempre que tais expectativas são ou não satisfeitas (2009, p.280)

Por fim, é possível perceber que existem diferenças que são construídas socialmente entre meninos e meninas e que buscam ser discutidas a partir das perspectivas de gênero. Essas perspectivas possibilitaram a compreensão de que nem todas as características que diferenciam os homens das mulheres são biológicas, pois existem diversas formas de agir, comportar-se, comunicar-se, que são construtos históricos e sociais, que variam em cada tempo, espaço e cultura.

⁴ “Vigilância hierárquica” e “sanção normalizadora” são conceitos explicados por Michel Foucault em sua obra “Vigiar e Punir”.

Entretanto, busca-se nesta pesquisa compreender como essas questões de gênero influenciam as crianças em relação aos espaços da cidade de Curitiba, tendo em vista as diferentes atividades e espaços frequentados por meninos e meninas e a análise da construção da função social de homens e mulheres a partir dos dados coletados.

3 A CIDADE E A CONSTRUÇÃO DE GÊNERO: ANÁLISE COM BASE NOS DADOS COLETADOS EM ALGUMAS ESCOLAS DA REDE MUNICIPAL DE CURITIBA

Conforme discutido anteriormente, existem diferenças de gênero nas diversas instâncias e espaços de nossa sociedade. Ao analisar os espaços da cidade que as crianças frequentam percebe-se claramente diferenças entre meninos e meninas. Desta forma, pode-se analisar que o que é socialmente construído desde a infância reflete no papel do indivíduo quando adulto.

Ao iniciar a discussão, pode-se lembrar que quando os responsáveis preencheram os questionários foi perguntado sobre o sexo das crianças. Observou-se que a maior quantidade de questionários retornados foram os das meninas (545 questionários) em detrimento dos questionários dos meninos (481 questionários). Este dado inicial traz indícios de que, conforme será discutido posteriormente, as meninas podem possuir maiores incentivos quanto ao cuidado e responsabilidade em relação aos estudos e as atividades escolares, isso pode ser constatado devido a quantidade maior de questionários devolvidos por elas em comparação com os meninos.

Além disso, cabe destacar que dos responsáveis pelo preenchimento a grande maioria (70%) eram mães dos alunos. Isso pode indicar o fato de que elas realizam o papel de auxiliar seus filhos nas atividades escolares, por ser algo construído socialmente como sendo função feminina. Martin e Angelo (1999) apontam, com base em suas análises em relação à função das mães nas classes populares que é muito comum legitimar a função da mulher como sendo aquela que atende as necessidades domésticas, bem como cuidar dos filhos, auxiliar nas tarefas de casa, cuidar da casa, da preparação das refeições etc. Elas destacam que a concepção de mulher ideal é aquela que:

em vez de dominar tarefas específicas, as mães devem é educar seus filhos. Segundo essa concepção, a tarefa da mãe, conforme a sua natureza e o seu destino de mulher, é ocupar-se das pessoas da família, cultivar relações e ser espontânea, calorosa, sensitiva, suave e abnegada. (1999, p.93)

Esta citação apresenta a concepção de muitos sujeitos presentes em nossa sociedade, em que se considera que o papel materno é algo relacionado ao instinto da mulher e não necessariamente uma construção social. Cabe destacar então, que essas atividades relacionadas ao ensino normalmente são realizadas pela figura feminina, já a figura masculina, de acordo com Martin e Angelo (1999), fica encarregada de trazer o sustento para a família.

Cabe destacar ainda que mesmo com a entrada da mulher no mercado de trabalho e com as diversas lutas para se atingir um patamar de igualdade de direitos em relação ao homem, as mulheres ainda são aquelas que mais realizam as atividades relacionadas ao âmbito doméstico e o cuidado dos filhos, o que constata ainda a presença de uma sociedade machista e com inúmeras desigualdades de gênero.

Tendo em vista essas diferenças de gênero, a seguir, apresenta-se uma análise das atividades realizadas por meninos e meninas, nos espaços escolares, fora da escola e nas suas casas. Esse primeiro levantamento de dados foi realizado no relatório de Iniciação Científica neste ano de 2015.

3.1 Atividades realizadas por meninos e meninas nos diversos espaços da cidade

A partir do resultado da pesquisa realizada, foi possível notar inúmeras diferenças existentes nos modos de brincar e nas atividades realizadas por meninos e meninas na escola e fora dela. Compreende-se que, como já discutido anteriormente, de acordo com Louro (2014), as diferenças de gênero são construídas culturalmente no decorrer da história. Desta forma, é possível verificar que no caso da cidade de Curitiba essas diferenças também são encontradas quanto aos espaços e atividades realizadas por ambos os sexos. Porém, foram encontradas ainda, algumas atividades em comum, o que será discutido e apresentado por meio de gráficos e tabelas no decorrer desta pesquisa.

Parte-se do pressuposto, portanto, de que a infância é uma categoria social, e que, de acordo com Sarmiento (2003), as crianças produzem cultura, capazes de

interagir no meio que estão inseridas. Tendo isso em vista, compreende-se que os modos de socialização das crianças variam de cultura para cultura, e que, de acordo com Mollo-Bouvier (2005) as mesmas participam dessa socialização e são capazes de desempenhar um papel de transformadoras da sociedade.

Desta forma, no gráfico a seguir é possível verificar as diferenças nas brincadeiras e atividades realizadas pelas crianças dos diversos bairros da cidade de Curitiba. As colunas vermelhas representam a quantidade de meninas e as azuis a quantidade de meninos pesquisados. As siglas abaixo representam as atividades, são elas:

BC = Brincar em casa	AB = Andar de bicicleta	E = Estudar
BR = Brincar na rua	ATV = Assistir TV	L = Ler
JB = Jogar bola	JV = Jogar vídeo game	AS = Andar de skate
OM = Ouvir música	D = Desenhar	UEE = Utilizar equipamentos eletrônicos

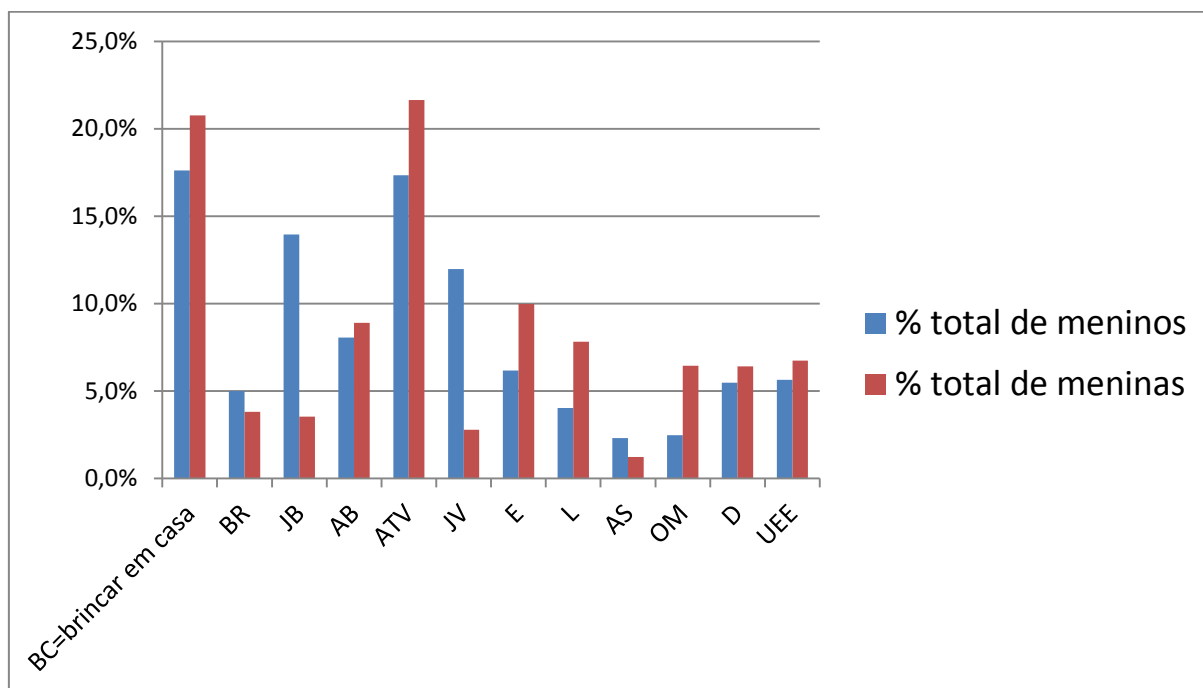


Gráfico 1 – Diferenças nas atividades de meninos e meninas em bairros de nove regionais do município de Curitiba- 2015.

Fonte: pesquisa realizada com pais de crianças de bairros de nove regionais da cidade de Curitiba – 2014

Desta forma, é possível compreender que algumas atividades acabam sendo mais realizadas por meninos e outras por meninas. Por exemplo, ao verificar a sigla

JB (jogar bola) e JV (jogar vídeo game), constata-se que o índice de meninos que realizam tal atividade é muito maior que o índice de meninas. Por outro lado, ao analisar as atividades ATV (Assistir TV), E (Estudar), L (Ler) e OM (Ouvir música), verifica-se que em todos os bairros pesquisados o índice de meninas aumenta em relação aos meninos.

A partir disso, é possível presumir que as atividades realizadas por meninas, normalmente são atividades mais calmas, em que as mesmas podem realizá-las em casa, como é possível verificar no gráfico acima (no âmbito “Brincar em casa” (BC), por exemplo, o índice de meninas é maior se comparado com os meninos). Sendo este um importante dado que nos permite supor que as meninas são mais recatadas e fechadas em suas moradias, talvez pelo medo da violência, já que estas são consideradas mais frágeis e sujeitas a agressões. Sendo possível considerar o que foi citado anteriormente, que de acordo com Felipe (2000), no decorrer da história existiram formas de educação diferenciada para meninos e meninas, o que, conforme a análise dos dados, ainda prevalece na atualidade.

Observa-se também, o quanto as atividades das meninas, aproximam-se mais do modo escolar de socialização, o que parece favorecer os melhores índices de sucesso das meninas se comparadas com os meninos. Desta forma, de acordo com Lahire (1997), os modos de relações e costumes familiares possibilitam o sucesso e fracasso das crianças. Assim, é possível compreender que existem famílias que realizam um superinvestimento no que se trata à escolaridade das crianças. De acordo com ele:

Alguns pais podem fazer da escolaridade a finalidade essencial, e até exclusiva, da vida dos filhos, ou mesmo de sua própria: pais que aceitam viver no desconforto para permitir que os filhos tenham tudo o que necessitam para trabalharem bem na escola, pais que sacrificam o tempo livre para ajudar os filhos nas tarefas escolares (1997, p.28).

Quando se destaca as atividades realizadas pelos meninos, compreende-se que há uma grande diferença ao compará-las com as atividades realizadas pelas meninas, o que nos permite suspeitar que os meninos estejam mais engajados em atividades que exigem maiores esforços físicos ou formulação de estratégias. Considera-se, portanto, que estes acabam desenvolvendo maiores habilidades relacionadas ao físico, quando se verifica, por exemplo, que os mesmos jogam mais

bola que as meninas. E ao desenvolvimento de estratégias, quando se trata de jogos no vídeo game, possibilitando que eles possam organizar e sistematizar objetivos. Neste sentido, destaca Gee (2009) que os vídeo games incorporam princípios de aprendizagem, como:

(...) identidade; interação; produção; riscos; customização; agência; boa ordenação dos problemas; desafio e consolidação; “na hora certa” e “a pedido”; sentidos contextualizados; frustração prazerosa; pensamento sistemático; exploração, pensamento lateral, revisão dos objetivos; ferramentas inteligentes e conhecimento distribuído; equipes transfuncionais e performance anterior à competência (Gee, p.1, 2009)

Desta forma, cabe destacar que os meios de socialização das crianças ajudam a reforçar práticas de controle dos corpos masculinos e femininos, como expõe Finco (2007), transmitindo expectativas e desempenho intelectual para cada sexo, trabalhando de forma sutil, aparentemente invisível e até mesmo de forma inconsciente. A autora ainda destaca que desde pequenas as meninas são ensinadas a brincar de forma mais calma e delicada, aprendem a sentar, a cuidar de crianças e a ser mais sensíveis. Já os meninos são incluídos em atividades de exigem um maior esforço físico e agilidade, portanto, são ensinados a jogar futebol, a subir em árvores e realizar atividades que requerem outra forma de desenvolvimento.

Além das brincadeiras e atividades realizadas em casa, compreende-se ainda que existem diferenças nas atividades que acontecem na própria escola. Desta forma, foram organizadas as informações obtidas no questionário a partir das diversas atividades realizadas pelas crianças na escola, em categorias gerais: ESPORTE, DANÇAS, PROJETOS, REFORÇO ESCOLAR, ARTE, LUTAS, GUARDA MIRIM.

No quadro abaixo, encontra-se a quantidade de meninos e meninas que fazem alguma atividade na escola, sendo elas separadas pelas categorias mencionadas acima, possibilitando a compreensão de como são divididas tais atividades para cada sexo. Isso faz com que se perceba que a própria escola acaba reforçando as diferenças de gênero a partir das atividades que realizam/oferecem a meninos e meninas.

ATIVIDADE	MENINAS%	MENINOS %
ESPORTE	26,4%	34,4%
DANÇAS	8,9%	1,0%
PROJETOS	14,6%	7,1%
REFORÇO ESCOLAR	30,6%	36,0%
ARTE	4,7%	6,0%
LUTAS	2,8%	5,4%
GUARDA MIRIM	11,7%	9,8%
TOTAL	100%	100%

Quadro 1 – Diferenças nas atividades realizadas por meninos e meninas na escola em bairros de nove regionais pesquisadas de Curitiba – 2014

Fonte: organização de dados da pesquisa feita pela autora deste trabalho – 2015

Estes dados mostram que existem algumas diferenças entre as atividades realizadas por meninos e meninas dentro da própria escola, em que é possível perceber que meninas participam de mais atividades de dança que os meninos, o que confirma o que foi destacado acima, que elas são engajadas em atividades que exigem maior calma e delicadeza. E no que se refere às lutas e esportes os meninos estão à frente, assim, são incluídos em atividades que exigem maiores esforços físicos, trazendo o ideal de homem forte e ágil.

Além disso, é possível verificar que o índice de meninos em atividades de reforço escolar é maior que o índice de meninas, talvez isso tenha relação com o que foi destacado acima, que as meninas realizam mais atividades próximas do modo escolar que os meninos e isso colabora para seu maior desenvolvimento e capacidade em relação aos estudos. Cabe destacar também, que a participação de meninas em projetos⁵ ou em atividades relacionadas à Guarda Mirim⁶, é maior do que os meninos, o que se pode presumir que o fato dos meninos estarem mais engajados em atividades relacionadas ao esporte ou ao reforço escolar faz com que os mesmos não participem muito de outras atividades na escola, e também, a participação do projeto “guarda mirim” exige boas notas dos alunos, o que talvez favoreça a participação maior das meninas. Segue tais informações organizadas, desta vez, a partir do gráfico a seguir:

⁵ Os projetos que foram apresentados nos questionários tratam de projetos de leitura, matemática, robótica, xadrez etc., oferecidos no contraturno.

⁶ A Guarda Mirim é um projeto da rede municipal que tem como objetivo minimizar a exclusão social, sendo oferecidas oficinas de música e belas artes, atividades complementares de esporte, lazer, eventos educativos, culturais, religiosos e comunitários.

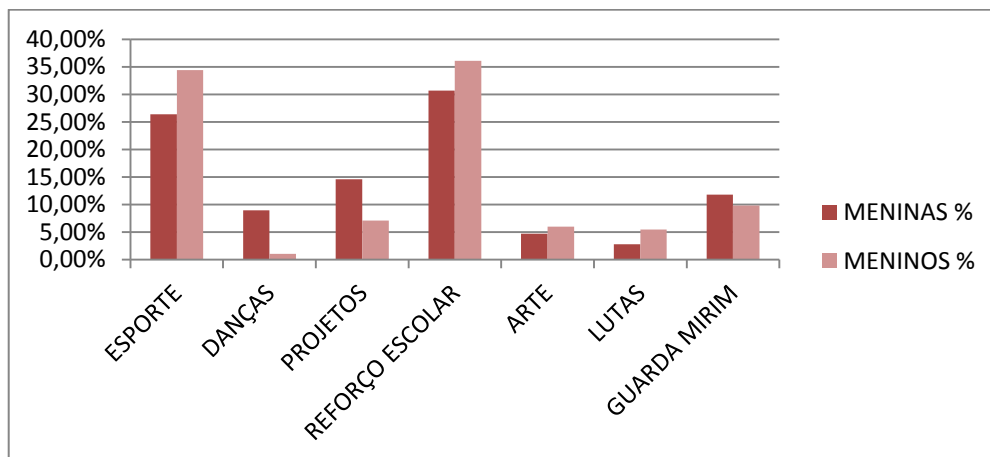


Gráfico 2 – Atividades realizadas por meninas e meninos nas escolas pesquisadas do município de Curitiba - 2014

Fonte: organização de dados da pesquisa feita pela autora deste trabalho – 2015

No que se refere aos esportes, no gráfico anterior, é possível constatar que são mais realizados pelos meninos do que pelas meninas, sendo notável também, uma diferença entre o estilo do esporte praticado pelos mesmos (o que será demonstrado no gráfico abaixo), pois vê-se que meninos jogam mais futebol que as meninas na escola, enquanto as meninas praticam mais vôlei e tênis do que os meninos. Desta forma, pode-se perceber no gráfico a seguir, no que se refere ao futebol, que cerca da metade dos meninos que praticam algum esporte na escola, jogam futebol. Já as meninas, em tal esporte apresentam um número muito reduzido e que no vôlei, tênis ou outros esportes o índice aumenta em comparação com os meninos.

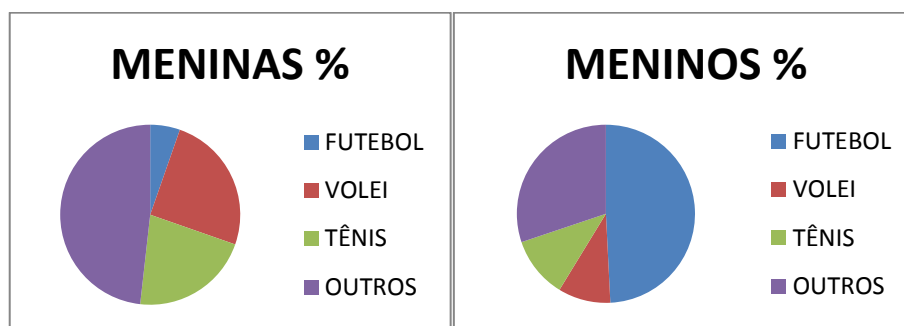


Gráfico 3 – Esportes realizados por meninas e meninos as escolas dos bairros de nove regionais pesquisadas de Curitiba – 2014.

Fonte: organização de dados da pesquisa feita pela autora deste trabalho – 2015.

Vê-se, portanto, que nos bairros pesquisados, há uma diferenciação e uma legitimação dos esportes dedicados a meninos ou aqueles que são dedicados às meninas. Desta forma, compreende-se que existem diferenças que foram construídas historicamente, em que se determina a função social do homem e da mulher. De acordo com Finco (2008) a categoria gênero requer analisar as diferenças sexuais que são produzidas culturalmente entre homens e mulheres. A partir disso, cabe destacar que existem diferenças que não são biológicas, mas sim construídas socialmente, formando o gênero masculino e feminino.

O futebol no Brasil, de acordo com Souza, Vaz, Bartholo e Soares (2008) produz grandes influências principalmente nos meios populares, pois os jovens depositam seus esforços tendo em vista tal esporte como uma possibilidade de ascensão econômica, o que pode vir como um sucesso futuro ou um fracasso. Desta forma, os autores destacam que há uma grande dedicação desde a infância e um grande investimento dos pais em relação aos filhos neste esporte, em que os meninos são colocados em escolas de futebol para que aprendam desde criança e possam evoluir na idade adulta.

Além das atividades realizadas na própria escola, também foi possível verificar que existem diferenças nas atividades realizadas fora da escola, constata-se desta forma, questões de gênero fortemente marcadas, como é apresentado no gráfico a seguir:

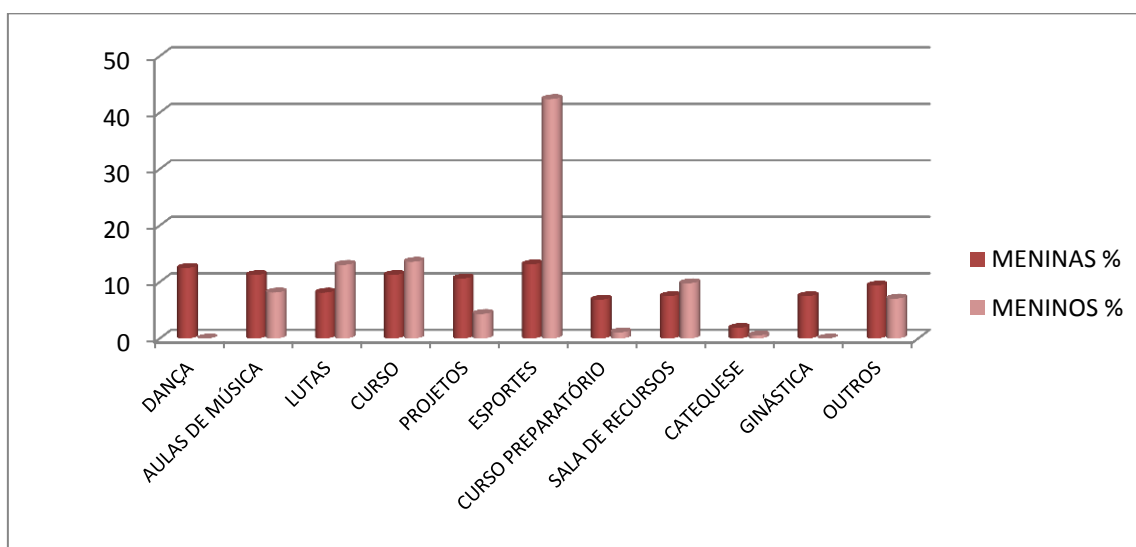


Gráfico 4: Atividades realizadas por meninos e meninas nos espaços fora da escola nos bairros das nove regionais pesquisadas da cidade de Curitiba – 2014.

Fonte: organização de dados da pesquisa feita pela autora deste trabalho – 2015.

Compreende-se a partir do gráfico acima, que quando podem optar, os pais colocam seus filhos em atividades específicas, o que variam de meninos para meninas. No gráfico, é possível verificar que quando se refere à dança e ginástica, apenas meninas (cerca de 10% das que responderam a questão) realizam tais atividades fora da escola, desta forma, cabe destacar que os meninos normalmente não são engajados nessas atividades que exigem maior calma e delicadeza. Além disso, vê-se também que as meninas são mais engajadas em atividades relacionadas à catequese e guarda mirim, o que pode indicar um enquadramento moral maior do que com relação aos meninos, em que se defende o respeito e a obediência. Interessante este dado, pois pode ser comparado com o que Felipe (2000) expõe, em relação a educação das meninas nos séculos passados, que era mais voltada à instrução moral e relacionada ao respeito e ao cuidado com o corpo. Portanto, isso traz indícios de que ainda existem marcas históricas de uma educação diferenciada para as meninas.

Quando se refere aos esportes, verifica-se que os meninos estão com o índice bem acima, sendo grande quantidade entre os esportes apontados, o futebol, o que se pode constatar o investimento realizado pelos pais no que se refere a formar um homem forte e ágil. Ou ainda, o imaginário dos pais de que seus filhos possam seguir carreira de jogador, já que tal atividade no Brasil pode garantir uma boa remuneração financeira e pode levar o indivíduo à fama.

Vê-se, além disso, que as aulas de música, projetos, catequese e cursos preparatórios, acabam sendo mais realizadas pelas meninas do que pelos meninos, o que leva a considerar que, conforme discutido anteriormente, exista um maior investimento pedagógico em atividades que colaboram com o aprendizado escolar das meninas. Talvez isso seja um dado que possibilite pensar o que foi anteriormente exposto em relação aos meninos realizarem mais atividades de reforço escolar do que as meninas. Além disso, este dado possibilita verificar também, que os meninos frequentam mais a sala de recursos do que as meninas, talvez por acabarem sendo considerados indisciplinados e desatentos. Isso pode se dar pelo fato de não possuírem tantos investimentos pedagógicos relacionados aos conteúdos escolares e receberem incentivos maiores em atividades que desenvolve habilidades relacionadas a atividades físicas.

Porém, ao analisar o dado referente a cursos, é possível compreender que existe uma pequena diferença entre meninos e meninas, ou seja, os meninos estão mais engajados em cursos do que as meninas. Tais cursos estão relacionados à inglês, informática, desenho, kumon, teatro e artesanato. Isso faz pensar que os meninos pesquisados recebem investimentos pedagógicos diferentes do que as meninas e que grande parte dos cursos realizados por eles está relacionado à informática, dado este que pode trazer pistas de que os meninos normalmente são tidos como aqueles possuem maiores habilidades em atividades relacionadas à lógica, matemática, eletrônica e informática.

3.2 Diferenças nos espaços da cidade frequentados por meninos e meninas

Além dos dados coletados na pesquisa de Iniciação Científica descritos no item acima e tendo sua análise sido aperfeiçoada para este TCC, abaixo, apresentam-se novas análises levantadas no mesmo escopo de dados que foram descritos na introdução.

No item acima foi possível notar os espaços que as crianças frequentam para a realização de atividades direcionadas pela escola e fora dela. Aqui neste item verificam-se outros locais que as crianças frequentam em espaços dentro do bairro ou cidade. Primeiramente, busca-se analisar as crianças que saem sozinhas ou com irmãos mais velhos e vê-se, portanto, que os meninos saem mais sozinhos do que as meninas, sendo 83% e meninos e 76% meninas que os responsáveis responderam os questionários. Isso possibilita a reflexão de que as meninas, muitas vezes, por estarem mais sujeitas à violência saem em menor escala em comparação com os meninos. Já os meninos parecem ser incentivados a explorar mais o bairro onde vivem, tendo a possibilidade de conhecer seus espaços, garantindo maiores possibilidades de brincar e realizar atividades fora de suas casas. Os espaços mais apresentados são: padaria, mercadinho, farmácia, supermercado, aviário, lan house, loja de roupas e outros espaços que foram apontados pelas crianças, como banca de frutas e verduras, locadora etc. Vê-se a seguir a porcentagem de meninos e meninas que frequentam esses espaços, sendo esses dados apresentados no gráfico 5:

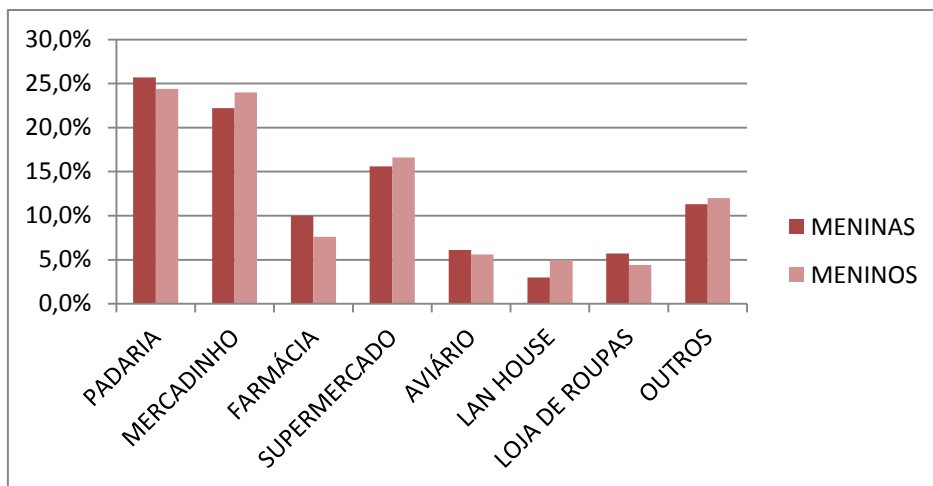


Gráfico 5 – Espaços que as crianças frequentam sem a companhia de um adulto – 2014.
Fonte: organização de dados da pesquisa feita pela autora deste trabalho – 2015.

Pode-se perceber, a partir da análise do gráfico, que as meninas se sobressaem nos espaços como padaria, farmácia e aviário, isso pode indicar que elas frequentam locais que estão mais relacionados com as atividades domésticas e possivelmente locais que ficam nas proximidades de suas casas. Também pode-se levar em conta que o peso que carregam quando consomem nesses espaços é pequeno, talvez pelo ideário da menina ser mais frágil que o menino. Além de tais espaços, cabe mencionar que as meninas também frequentam locais como loja de roupas, possivelmente devido ao fato de que grande parte das influências midiáticas, no que se refere ao consumo, é direcionada às mulheres. Sobre isso, Boris e Cesídio (2007) destacam que a publicidade influencia em grande medida na construção da subjetividade dos indivíduos, pois ela é capaz de manipular o consumidor, “vendendo sonhos, desejos, fantasias e atitudes” (2007, p.464). Apontam ainda que essa subjetividade é também construída pelos meios de comunicação e que no caso das mulheres, estas passam a criar suas verdades, seus padrões através da identificação com a mídia. Portanto expõem que:

[...] a mídia é uma manifestação cultural, criada não apenas com o objetivo de transmissão de informação, mas de influenciar intencionalmente não apenas o comportamento das mulheres, mas o dos homens também, interferindo na maneira de organizar a sua subjetividade e atingindo questões peculiares ao seu gênero, principalmente com relação à sua representação corporal. (2007, p.464)

Vê-se, deste modo que as influências da mídia, de acordo com os autores, colaboram para a construção de uma identidade de gênero, em que são criadas

representações corporais que estão relacionadas ao padrão ideal do que é ser homem ou mulher. Destaca-se, portanto, que essas representações não somente influenciam os adultos, mas também são transmitidas às crianças, estas que constroem sua identidade de gênero desde muito pequenas, tanto por falas transmitidas por adultos, como por comerciais que são transmitidos pela TV.

Voltando ao gráfico, vê-se que os meninos se sobressaem em espaços como mercadinhos e supermercados. Isso pode indicar que tais locais talvez se encontrem em espaços com maiores distâncias, se comparado com os espaços que as meninas normalmente frequentam, e também, devido às sacolas mais pesadas, deixando tais atividades a cargo dos meninos. Além disso, eles frequentam espaços como Lan house, possivelmente por possuírem maiores interesses por jogos online e atividades relacionadas a computadores, interesses esses construídos socialmente por meio de formas de controle da sua subjetividade masculina, como já foi discutido nas análises realizadas anteriormente. Também, destaca-se, dentre os espaços frequentados por meninos, outros espaços do bairro, isso pode dar indícios de que os meninos exploram e conhecem mais o bairro do que as meninas.

Além dos espaços de comércio que as crianças frequentam no bairro, bem como farmácias, mercadinhos, panificadoras etc, destacam-se também alguns espaços públicos acessados por elas, tendo em vista as diferenças entre meninos e meninas nesses espaços do bairro. Abaixo, segue um quadro que apresenta a porcentagem de meninos e meninas que frequentam algum lugar específico do bairro em que vivem com ou sem a companhia de adultos:

ESPAÇOS DO BAIRRO FREQUENTADOS PELAS CRIANÇAS	MENINAS	MENINOS
PARQUES DO BAIRRO	20%	16%
PRAÇAS E JARDINS DO BAIRRO	10%	13%
ESPAÇOS RELIGIOSOS	27%	23%
ESPAÇOS CULTURAIS	6%	6%
RUA DA CIDADANIA	2%	2%
COMUNIDADE ESCOLA	2%	3%
OUTROS ESPAÇOS DO BAIRRO	12%	17%

Quadro 2 – Espaços do bairro frequentados pelas crianças

Fonte: organização de dados da pesquisa feita pela autora deste trabalho – 2015.

Vê-se, portanto, que existem algumas diferenças nesses espaços frequentados pelas crianças a partir do seu gênero. Assim, compreende-se que as meninas frequentam mais parques do bairro do que os meninos, enquanto eles frequentam mais praças. Isso pode nos trazer algumas pistas de que devido ao fato de existirem mais praças pelo bairro, os meninos têm maiores possibilidades de explorá-las, em que algumas delas possuem campos de futebol, o que faz com que o acesso dos meninos a esses lugares seja maior.

Ao analisar os espaços religiosos, é possível verificar que 27% das meninas têm acesso a esses lugares, já os meninos 23%. Essa questão pode ser pensada na mesma linha apresentada anteriormente de que a menina frequenta espaços que moralizam mais, e os meninos espaços que valorizam mais o esforço físico e a agilidade. Posteriormente, os espaços culturais, rua da cidadania e comunidade escola não apresentam diferenças grandes entre eles. Por fim, ao se tratar de outros espaços, os meninos possuem uma porcentagem maior, talvez, pelo mesmo motivo apresentado anteriormente, de que eles exploram mais o bairro do que as meninas, frequentando diversos locais fora de suas casas.

É possível notar no quadro abaixo os espaços da cidade que as crianças frequentam, tendo em vista as diferenças em porcentagem entre meninos e meninas.

ESPAÇOS DA CIDADE	MENINOS	MENINAS
PARQUES	36,50%	39,40%
CINEMAS	32,20%	33,30%
SHOPPINGS	39,50%	40,70%
MUSEUS	13,90%	11,50%
OUTROS ESPAÇOS CULTURAIS	18,70%	24,50%
OUTROS ESPAÇOS DO BAIRRO	11,40%	13,90%

Quadro 3 – Espaços da cidade frequentados por meninos e meninas.

Fonte: organização de dados da pesquisa feita pela autora deste trabalho – 2015.

Embora essas diferenças não sejam tão perceptíveis, cabe destacar que as meninas frequentam mais parques, cinemas, shoppings e outros espaços culturais e do bairro se comparado com os meninos, fato este que pode trazer indícios de que as meninas visitam locais mais relacionados ao consumo e que as mesmas quando

saem normalmente é na companhia de um adulto. Em contrapartida, os meninos, por possuírem uma maior liberdade para saírem sozinhos ou com amigos, muitas vezes não necessitam da companhia de um adulto, o que faz com que visitem menos estes espaços. Em relação ao museu, vê-se que este é mais visitado pelos meninos, visto isso, supõe-se que como a maioria das crianças que vão ao museu são acompanhadas pela escola, os meninos, possivelmente têm maior liberdade para participar de passeios escolares, talvez por serem autorizados pelos pais e familiares, já as meninas, possivelmente acabam não possuindo a mesma liberdade.

No quadro a seguir apresentam-se esses dados acima citados, dando-se enfoque a quem acompanha as crianças nos espaços da cidade. Nesta tabela, contém a porcentagem das crianças que saem com os familiares e com outros agentes, sendo expostos apenas aqueles questionários em que a questão foi respondida. Deste modo, pode-se notar que os acompanhantes de grande maioria dos espaços é a família, em que trata da presença de irmãos e pais. Além disso, ao analisar o museu, compreende-se que a maioria vai com pessoas que não são da família, o que foi visto que, na maioria das vezes, quem acompanhava a criança ao museu era a escola.

ESPAÇOS DA CIDADE	QUEM ACOMPANHA	MENINOS	MENINAS
PARQUES	PAI	5,9%	6,4%
	MÃE	16,0%	17,2%
	FAMÍLIA	63,0%	53,9%
	OUTROS	14,8%	14,4%
CINEMAS	PAI	5,8%	1,6%
	MÃE	21,9%	22,5%
	FAMÍLIA	43,8%	46,1%
	OUTROS	20,6%	20,8%
SHOPPINGS	PAI	4,7%	2,7%
	MÃE	17,3%	21,6%
	FAMÍLIA	52,6%	50,0%
	OUTROS	14,2%	14,4%
	PAI	2,9%	0,0%

MUSEUS	MÃE	8,9%	11,1%
	FAMÍLIA	26,8%	26,9%
	OUTROS	44,7%	49,2%
OUTROS ESPAÇOS CULTURAIS	PAI	10,0%	5,2%
	MÃE	12,2%	20,8%
	FAMÍLIA	48,8%	50,0%
	OUTROS	20,0%	17,1%
OUTROS ESPAÇOS DA CIDADE	PAI	7,2%	3,9%
	MÃE	9,0%	25,0%
	FAMÍLIA	65,4%	48,6%
	OUTROS	5,4%	9,2%

Quadro 4 – Espaços da cidade/quem acompanha.

Fonte: organização de dados da pesquisa feita pela autora deste trabalho – 2015.

Quando se observa a tabela acima, nota-se que existem algumas diferenças quanto à pessoa que acompanha a criança nos espaços da cidade apresentados. Na maioria das vezes quem acompanha é a família, porém, quando não é assim, normalmente é a mãe e dificilmente o pai. Porém, na maioria das vezes, o pai acompanha mais os meninos, e em contrapartida, as mães acompanham mais as meninas. Isso pode ser um dado importante a ser refletido, no sentido de que os pais e as mães ajudam a construir a identidade de gênero de seus filhos, na medida em que estes acompanham os mesmos para a realização de atividades que estão relacionadas ao seu gênero, colaborando para a construção social do que é ser menino e do que é ser menina.

Contudo, cabe mencionar, a importância do papel da família e das relações sociais para a construção de uma identidade de gênero. Além disso, com base nos dados, foi possível verificar que os meninos normalmente possuem uma liberdade maior para explorar o bairro e a cidade, já as meninas não possuem as mesmas possibilidades, estas então acabam tendo que realizar atividades em suas casas, bem como assistir TV, ouvir música, ler, estudar etc. E quando as meninas visitam algum lugar, normalmente são acompanhadas por seus familiares, o que pode-se levantar o fato de serem mais cuidadas e preservadas em comparação com os meninos. É importante destacar também que essas diferenças são construídas socialmente e historicamente, contribuindo para a formação da subjetividade

feminina e masculina. Desta forma, é possível considerar que tanto na escola como fora dela, as diferenças de gênero são fortemente marcadas, o que foi possível comprovar a partir dos dados coletados na pesquisa.

4 GÊNERO E CIDADE: UMA ANÁLISE DE CONVERSAS COM MENINOS E MENINAS DE ESCOLAS DA REDE MUNICIPAL DE CURITIBA

As questões de gênero estão presentes em diversas instâncias da nossa sociedade. Compreende-se, portanto, que os espaços e instituições do bairro e na cidade ajudam a reforçar essas diferenças entre meninos e meninas. Conforme visto no capítulo anterior, foi possível compreender com base em dados quantitativos, como as crianças se utilizam do bairro e da cidade nos seus processos de socialização, sendo visíveis as diferenças de gênero presentes na apropriação dos espaços a partir do que foi coletado.

Aqui neste trabalho, no entanto, parte-se do pressuposto de que as crianças são produtoras de cultura e interagem com as pessoas e com os espaços que as circundam. Por esse motivo, neste capítulo, tem-se como objetivo ouvir a voz das crianças, com o intuito de averiguar os espaços frequentados pelas mesmas, tendo em vista as diferenças de gênero e buscar compreender como as mesmas se veem meninas ou meninos dentro dos espaços do bairro ou cidade.

Como já mencionado na introdução, após a coleta de dados quantitativos por meio dos questionários, foram selecionadas quatro crianças de 18 escolas (totalizando 72 crianças), sendo realizadas conversas de cerca de 40 minutos. As crianças selecionadas para a pesquisa (tanto quantitativa como qualitativa) estavam no 5º ano, tendo idades entre 9 a 12 anos. Para a pesquisa deste Trabalho de Conclusão de Curso foram utilizadas dez das entrevistas, que foram escolhidas de modo aleatório.

Ao iniciar essa discussão entre as diferenças de gênero encontradas nas falas das crianças, é importante mencionar que nesta parte da pesquisa foram ouvidas dez conversas que foram realizadas com as crianças⁷ dos diversos bairros e regionais da cidade de Curitiba (cinco meninos e cinco meninas), o que foi possível constatar as diferenças na construção da subjetividade masculina e feminina com base na análise realizada. Foi possível compreender fatores que ficaram bastante

⁷ Os nomes das crianças pesquisadas foram substituídos por outros, com o intuito de resguardá-las e também pautar-se pelos valores éticos na pesquisa educacional.

evidentes sobre a construção social do menino e da menina, que foram subdivididos em categorias, são eles: atividades do contraturno/lazer, consumo e violência.

4.1 Atividades no contraturno: lazer ou afazeres domésticos?

A partir das análises das conversas realizadas, foi possível perceber as fortes diferenças dos espaços e atividades do contraturno com relação às crianças investigadas, sendo visíveis algumas construções sociais que reforçam o papel social feminino e o papel social masculino, tanto nos modos de brincar, quanto nos afazeres domésticos.

Primeiramente, foi realizado um levantamento das dez conversas⁸ com as crianças tendo em vista se as mesmas saem sozinhas. Dos cinco meninos, quatro podem explorar o bairro, ir para a escola e brincar na rua sozinhos. Já das meninas pesquisadas apenas duas têm essa mesma possibilidade. Mas mesmo assim ainda uma delas expõe o medo da mãe em relação a andar sem a presença de adultos, assim como é possível verificar na fala abaixo:

PESQUISADOR: Você brinca só com as crianças ou sempre tem alguém junto? Vocês tem liberdade para brincar sozinhos na rua?

VERÔNICA: Às vezes minha mãe tem medo, daí ela manda a gente pra dentro. Mas eu fico sempre com meus amigos mesmo.

Já os meninos apresentam um modo de falar bem natural sobre as brincadeiras na rua. Felipe até destaca a diferença no modo de tratamento com relação a ele e as irmãs mais velhas e expõe que:

FELIPE: De vez em quando elas [as irmãs] ficam meio injustiçadas porque elas não podiam sair, porque meu pai não deixava elas sair, meu pai é louco de ciumento, e eu ele deixa.

Assim, podem-se destacar essas diferenças de gênero com relação à liberdade maior dada aos meninos e as não possibilidades de sair das meninas. Os

⁸ Com relação à transcrição, buscou-se reescrever o que diziam as crianças o mais parecido possível com a sua fala (ex: pra mim fazer), embora as palavras que são escritas na língua padrão no Brasil, mas faladas de outra maneira tenham sido transcritas na norma culta, como por exemplo “pego” foi registrado como “pegou”.

meninos podem brincar na rua, ir a comércios e a casa de amigos, já as meninas, normalmente ficam em casa realizando atividades domésticas ou brincadeiras dentro de suas moradias. Desta forma, cabe ilustrar essa questão com a fala de alguns meninos pesquisados:

FELIPE: Daí a gente vai na casa do Pedro, daí a gente brinca lá, daí a gente fica andando de bicicleta, essas coisas.

PESQUISADOR: No seu bairro você costuma andar sozinho?

CARLOS: Sim, eu também vou comprar ração lá no mercado.

PESQUISADOR: Você vem sozinho aqui para a escola?

LUAN: Sim. Eu moro pertinho aqui.

Em contrapartida, cabe destacar que as meninas pesquisadas normalmente realizam atividades em casa, duas delas inclusive afirmam que durante o outro período ajudam a mãe limpar a casa, o que comprova essa discussão de que as meninas normalmente são ensinadas a realizar as atividades domésticas para futuramente serem “boas mulheres, mães e esposas”. Já dos meninos, nenhum relatou ajudar em casa, o que pode indicar que essa construção de que a mulher deve ficar responsável pelas atividades domésticas é construída e reforçada desde à infância. Assim sendo elas afirmam que:

PESQUISADOR: Você faz algum esporte a tarde ou alguma atividade depois da aula?

ANDRÉIA: Não. É que eu fico em casa com a minha mãe ajudando ela limpar a casa.

PESQUISADOR: O que você costuma fazer quando não está na escola?

ALICE: Eu ajudo minha mãe [...] a lavar a louça, varrer o chão.

A fala das meninas já remete à função social da mulher, quando estas afirmam que ajudam as mães, mostrando que esses encargos domésticos normalmente são realizados pelas mulheres, o que acaba colaborando para a construção de um ideal de mulher como aquela capaz de cuidar destes afazeres.

Além das atividades domésticas, as meninas realizam também outras atividades dentro de suas casas. Uma delas, Andréia, além de ajudar a mãe limpar a casa, afirma que gosta de brincar de boneca e “de panela”, outras atividades que remetem ao âmbito doméstico, que buscam construir a identidade feminina a partir

de brincadeiras mais calmas, que valorizam o cuidado de crianças e dos afazeres domésticos, para exercerem sua função de mãe e esposa na vida futura. Bruna, outra criança pesquisada, afirmou que no contraturno costuma ficar no computador, cantar e dançar e que também não sai de casa. Além disso, Bruna afirma que gosta muito de ler, assim como Vitória, que conta que a mãe a deixa na biblioteca a tarde toda para ler o que ela quiser. Supõe-se que isso deva se dar pelo fato de não possuírem tanta liberdade para explorar o bairro, possibilitando que aproveitem o tempo em suas casas ou em lugares tidos como seguros.

Sabe-se que este tipo de socialização das meninas, por ser composto por atividades mais parecidas com atividades propostas em âmbito escolar pode favorecer, de acordo com Lahire (1997), um bom desempenho na escola, sendo os hábitos e o trabalho da família para com a criança, fundamentais para esse progresso dos estudantes.

Desta forma, cabe destacar as contribuições de Senkevics (2015), que analisa em sua pesquisa em São Paulo a relação das meninas com o âmbito doméstico e dos meninos com a rua. Ele também conclui que o fato das meninas terem a responsabilidade de realizarem trabalhos domésticos pode resultar num bom desempenho escolar, pois isso pode se converter em posturas de organização, disciplina, iniciativa e responsabilidade. Ele expõe que:

esses atributos convergem com muitas das qualidades que a instituição escolar exige ou espera de seu alunado: manter algum grau de asseio, estar ciente de suas obrigações, adotar uma postura madura e responsável, ser assíduo e privar-se de parte do seu tempo de lazer para corresponder a expectativas advindas de adultos etc. (2015, p.15)

Visto isso, Senkevics (2015) destaca que as meninas pesquisadas acabavam tendo esse perfil de responsabilidade em relação aos afazeres. Em contrapartida, os meninos normalmente “encontrariam no domicílio e na rua outras possibilidades que não a privação do lazer em nome de um dever acima de suas vontades individuais” (p. 13). Ou seja, os meninos por estarem mais engajados em atividades voltadas para o esforço físico e agilidade, acabam não dedicando seu tempo para atividades que exigem maiores responsabilidades. De modo simples, pode-se dizer que no caso do menino o lazer está à frente das responsabilidades e, no caso da menina, as responsabilidades estão à frente do lazer.

De acordo com Carvalho, Senkevics e Loges (2014) as responsabilidades atribuídas ao gênero feminino colaboram em grande escala para um melhor desempenho na escola, isso por que, elas passam a ter mais tempo em suas casas, o que possibilita um maior acesso a atividades escolares, para os autores:

a socialização de gênero no âmbito familiar favorece nas meninas e não nos meninos o desenvolvimento de comportamentos frequentemente desejados pelas escolas, tais como a disciplina, a organização e a obediência (ou formas de desobediência menos visíveis); ao mesmo tempo, essa socialização faz com que a frequência à escola tenha significados diferentes para a maioria das garotas e garotos destes setores, uma vez que elas têm muito menos oportunidades de circulação, sociabilidade e estímulo. (2014, p.732)

Cabe destacar, portanto, que as meninas estão enquadradas em atividades mais relacionadas ao âmbito doméstico e escolar, já os meninos têm a possibilidade de explorar a rua, os espaços, correr, brincar e sair sem a presença de adultos. Isso pode ser analisado ainda sob a ótica de Ribeiro (2006), que pesquisa as crianças no âmbito familiar, ressaltando que as meninas são ensinadas a exercer cargos domésticos, o que vai moldando sua feminilidade. Por outro lado, os meninos são ensinados a brincar na rua, pois os espaços domésticos não lhes pertencem. Nas palavras dela:

[...] a casa, portanto, sendo lugar de domínio feminino, é o espaço onde os homens devem ficar o menos possível. Meninos e homens adultos têm as representações reforçadas de que seu lugar é na rua. (2006, p. 158)

Por fim, pode-se destacar as diferenças de gênero presentes nas análises das falas das crianças, o que comprova essa ideia de que ainda as meninas são educadas de modo diverso, se comparado com os meninos, pois estas realizam a maior parte das suas atividades dentro de suas casas, já os meninos possuem maiores possibilidades de sair pelo bairro, brincar na rua e realizar atividades mais relacionadas ao movimento. Portanto, cabe mencionar que na maior parte das vezes o contraturno das meninas aqui pesquisadas nem sempre está ligado ao lazer, mas a atividades domésticas e que exigem maiores responsabilidades. Já as atividades dos meninos normalmente estão ligadas ao lazer, o que não exige responsabilidades maiores.

4.2 Análise do consumo e suas relações com os gêneros feminino e masculino

O consumo está a cada dia mais presente na vida dos brasileiros, o que colabora para a construção de suas subjetividades. Portanto, não tem como analisar a sociedade sem compreender a relação da mesma com o consumo, já que este é objeto central do sistema capitalista. Visto isso, cabe destacar, que as influências para esse consumo ocorrem desde a infância e que variam de meninas para meninos, sendo que ambos recebem uma educação dos familiares, amigos, vizinhos e mídia voltada para o consumo.

Com o intuito de verificar como as meninas e meninos veem o consumo, foi analisado nas conversas, os espaços que normalmente essas crianças frequentam e o que fazem nesses espaços. Das dez crianças pesquisadas, nove delas mencionaram que frequentam os shoppings, o que comprova que a maioria das crianças e famílias utilizam o shopping como um espaço de lazer ou consumo. Dessas nove crianças, quatro eram meninos e cinco meninas, o que pode indicar também que as meninas frequentam ainda mais esses espaços que os meninos. Mas, a diferença maior parece vir do sentido que meninos e meninas dão a este espaço. Na sequência, segue a fala dos meninos:

PESQUISADOR: O que vocês fazem no shopping?

LUAN: Toma milk shake, brinca, joga bola e só. (Luan)

PESQUISADOR: E o que tem lá de bom? [no shopping]

FELIPE: Ah [pausa], lá tem o cinema, tem a Imagi... Imagine Games e tudo.

VITOR: As vezes eu vou ali pro shopping, ficar ali ca minha vó, porque ela trabalha no Shopping Cidade. Daí eu fico lá dando a volta pelo shopping, ela manda eu não saí de lá de jeito nenhum. Ela manda eu ficar perto, sempre é pra eu ir lá avisa que eu tô bem, daí eu faço só isso praticamente.

PESQUISADOR: O que você faz lá no shopping?

CARLOS: Minha mãe geralmente vai pra lá comprar roupa pra mim.

Com base nesses diálogos, é possível notar que os três primeiros meninos pesquisados (Luan, Felipe e Vitor) veem o shopping como espaço de lazer, portanto, o consumo realizado por eles ou está vinculado ao lazer ou à alimentação. Já o Carlos vai ao shopping com sua mãe, tendo como objetivo comprar roupas, o que pode notar a figura feminina novamente como aquela que fica responsável pelo

cuidado dos filhos. Cabe destacar, que normalmente quem se encarrega de levar os filhos às compras normalmente são as mães, talvez por essa construção de que as mulheres são as que mais consomem roupas e acessórios nos shoppings, ficando a cargo delas realizar essas atividades de compras com as crianças.

Por outro lado, ao verificar a fala das meninas, vê-se uma diferença no que o shopping representa para as mesmas, se comparado com os meninos. Enquanto eles veem o shopping como um espaço de lazer, elas veem como um espaço de consumo. Segue abaixo como o shopping é citado por elas:

PESQUISADOR: E o que você faz lá no Palladium?

VERÔNICA: A gente toma sorvete, a gente gasta muito dinheiro [um momento de pausa e risos]. A gente compra roupa, a gente compra brinquedo, mas só que eu não compro brinquedo, as minhas irmãs... Mas é bem legal ele.

PESQUISADOR: E o que tem nesse shopping que você gosta dele?

ANDRÉIA: Ah... A loja de brinquedos, loja de roupas, jogar vôlei com o meu pai.

PESQUISADOR: E o que você mais gosta no shopping Palladium?

ALICE: Que tem bastante coisas de meninas [...] Minha mãe acha que tem mais coisas de meninas [...] daí minha mãe as vezes compra uma tiarinha pra mim, ela compra pra ela também, é muito legal. [...] Eu conheço bastante lojas.

VITÓRIA: No shopping e centro normalmente eu vou pra comprar presentes assim, [...] Minha tia geralmente me leva pra comer e ir no cinema e comprar presente pra mim também. (Vitória)

PESQUISADOR: O que você achou de lá? [shopping]

BRUNA: Achei muito bom e bonito.

Nas falas citadas acima, pode-se notar a visão diferente das meninas com relação ao espaço do shopping quando comparado com os meninos, em que fica evidente que a maior parte delas já interiorizou os padrões do que é “ser mulher”. Com exceção da Bruna, que não comentou muito sobre o que costumava fazer no shopping, as demais meninas mencionavam que iam a lojas de roupas e brinquedos. Na fala de Alice, fica claro que sua mãe reforça essa ideia do shopping como um espaço predominantemente feminino, quando afirma que a mãe acha que lá tem mais coisas de meninas. Isso pode indicar que essa construção, de que as mulheres são mais consumistas do que os homens, vem desde a infância, em que as meninas buscam construir suas identidades de gênero com base nas

experiências cotidianas juntamente com a mãe e figuras femininas que as ensinam a consumir, principalmente roupas e acessórios.

Além disso, cabe destacar também que este consumo não se dá apenas nos shoppings. Quatro das meninas citam o consumo em lojas, principalmente do centro, já os meninos normalmente quando citam que foram ao centro foi por motivo de passeios ou acompanhar as mães. Segue abaixo a fala das meninas que citaram o consumo em lojas fora dos shoppings:

ANDRÉIA: Minha vó me levou junto [no centro da cidade] e daí ela me levou em várias lojas.

ALICE: Minha mãe sempre compra shampoo, escova de cabelo, escova de dente [na farmácia].

PESQUISADOR: Você costuma ir lá no centro?

VITÓRIA: Com minha mãe pra comprar roupa pra mim. Com meu pai eu não vou muito, meu pai ele é assim, ele gosta de ficar mais em casa assim, né?

PESQUISADOR: O que você mais gostou desse bairro quando veio para cá?

BRUNA: Bom, [pausa] eu gostei das lojas que tem por aqui.

A partir dessas falas, vê-se essa figura feminina no que se refere ao consumo. Desta forma, pode-se compreender que as meninas normalmente frequentam lojas e shoppings mais com o intuito de comprar roupas e acessórios, já os meninos quando se referem a esses espaços, normalmente os veem como locais de lazer, passeio e alimentação.

Quanto essa construção da identidade feminina e masculina, cabe destacar o que Teixeira, Lima e Gussi (2009) apontam sobre as construções dos papéis sociais de gênero. Para eles, essas diferenças de gênero são construídas historicamente, num contexto familiar em que o pai exerce a função de provedor da família, exercendo uma autoridade marital e paternal com relação aos integrantes da mesma. Em contrapartida, a mãe exerce a função de responsável pela criação e educação dos filhos e pela ordem e manutenção do lar. Hoje, portanto, mesmo com a entrada da mulher no mercado de trabalho, ainda existem funções que normalmente cabem às mulheres. Isso pode refletir no fato de as mulheres normalmente acompanharem seus filhos ou parentes nos espaços de consumo,

como shoppings e lojas. Assim sendo, os autores destacam que existem padrões sociais que são interiorizados e vistos como naturais pela sociedade:

Os comerciais refletem padrões estabelecidos socialmente, sendo comum valerem-se da construção de estereótipos associados a modelos masculinos e femininos. Estes estereótipos geralmente passam despercebidos pelos receptores (consumidores), que acabam assimilando tais construções como suas e naturalizando-as. O discurso publicitário, para representar homens e mulheres, utiliza-se das relações de gênero predominantes na nossa sociedade ao demonstrá-las de uma forma atraente com o intuito de torná-las aceitáveis, desejáveis e por isso, consumíveis. (2009, p. 8)

Contudo, com base nessa análise, compreende-se que tanto as meninas como os meninos pesquisados frequentam os shoppings e lojas, porém, o que diferencia essa construção de gênero é a forma com que os mesmos ocupam esses espaços.

4.3 A violência na cidade: o imaginário de medo construído por meninos e meninas

Outro aspecto também observado nas conversas com as crianças foi sobre a violência na cidade e no bairro. Das dez crianças pesquisadas, oito apresentam o medo da violência. Dentre os tipos de violência foram citados o medo de assaltos, medo de andar sozinho, medo de ladrões, maconheiros e drogados, medo de pessoas estranhas e medo de estupros. Cabe destacar que até mesmo as crianças que andam sozinhas apresentam esse medo de algum modo, talvez por ouvirem histórias e acontecimentos relacionados a algum tipo de violência. Mas, os tipos de medo, novamente, apresentam diferenças entre meninos e meninas. Abaixo, então, se expõe as falas de meninos sobre a violência no bairro:

PESQUISADOR: O que te incomoda no bairro?

LUAN: Ladrão! Ladrão e maconheiro.[...] Um dia morreu um cara bem na frente da minha casa, era maconheiro [...] ele tava devendo eu acho, daí ele morreu.

FELIPE: Já assaltaram eu, a minha irmã e o meu amigo [...] e levaram uma bicicleta de mil e oitocentos.

PESQUISADOR: E você gostaria de pegar ônibus sozinho?

VITOR: Bom. [pausa] Mais ou menos, porque [pausa] tem perigo de eu pegar um ônibus sozinho e acabar sendo roubado. Daí minha mãe ficaria [pausa] digamos que ela ficaria louca.

PESQUISADOR: Por que ela [a mãe] acha um perigo lá na praça?

ALISSON: Porque às vezes passa muito marginal, e às vezes é perigo de roubar, de querer pegar [...] daí ela não gosta, só se ela for junto daí a gente vai. [...] No começo do meu bairro tem muito assaltante, daí eu não gosto.

Ao se referirem à violência, todos os meninos afirmam o medo de roubos e assaltos. Vê-se, portanto, que em duas das falas não há só o medo das crianças, mas também o medo das mães com relação aos espaços que as crianças frequentam. A seguir, analisam-se as falas das meninas com relação à violência com o intuito de compreender as diferenças no modo de se pensar a violência pelos meninos e pelas meninas. As falas dessas meninas remetem ao medo de saírem sozinhas ou o medo das mães de que saíam sozinhas, porém, estas falas trazem vestígios que apontam, não só o medo de roubos e assaltos, mas, de forma implícita ou explicitamente, o medo da violência sexual. Desta forma veem-se os comentários das meninas abaixo:

PESQUISADOR: A praça é segura?

VERÔNICA: É... Mais ou menos [...] porque tipo tem bastante gente [pausa] estranha daí dá medo às vezes.

PESQUISADOR: Mas por que não pode andar sozinha, assim? Por que você acha que sua mãe não deixa?

ANDRÉIA: É que na rua que eu... que a gente mora, tem muita... muita... muitos meninos e meninas que ficam na rua e minha mãe tem muito medo disso, ela não... ela me protege muito.

VITÓRIA: Mas eu vou rapidinho, [quando sai sozinha] às vezes eu vou com as minhas amigas, né? Porque eu acho bem melhor pra mim í, porque eu tenho medo de sair sozinha, não sei por que mais eu não gosto de ficar saindo sozinha.

PESQUISADOR: Daí você vem sozinha e volta sozinha [para a escola]?

BRUNA: Não, eu não venho sozinha porque tem um motoqueiro, ele agarra mulheres e crianças [...] Acho que ele pega e estru... estupra [...] Mandaram um bilhete. [...] Meu pai tem preocupação, ele sempre se preocupa comigo [...] Ele acha que sou muito novinha e eles têm medo que eu acabe sendo estuprada e que um homem pegue e toque no meu corpo [...] Ela [a mãe] fala que quando eu virar mulher, ela falou para mim não deixar ninguém tocar no meu corpo, muito menos se for um amigo do meu pai, ela falou que não é para eu deixar ninguém, nenhum amigo do pai ficar comigo, sair

assim comigo. [...] É que eu acho que tenho peito, já. [fala isso olhando para seu corpo].

Ao analisar a fala de Verônica e Andréia, percebe-se o medo em relação às pessoas estranhas, o que consideram ser perigoso. Talvez essa fala esteja relacionada a algo que foi transmitido com cuidado pela mãe ou familiares (como na fala de Andréia, “minha mãe me protege demais!”), devido ao medo de que alguém possa sequestrar, roubar ou realizar algum tipo de agressão sexual. Já Vitória, mesmo que tenha uma maior possibilidade de sair sozinha para explorar o bairro, ainda destaca que tem medo e prefere sair acompanhada, não sabe explicar o motivo exatamente. Isso pode estar relacionado ao fato de que as meninas normalmente são orientadas a sempre tomar cuidado quando saem de suas casas e já é impregnado nelas um medo, que nem sempre elas mesmas compreendem. Por outro lado, a fala de Bruna remete, de forma explícita, ao medo da violência sexual, este que foi elucidado e apresentado abertamente pelos pais, conforme o relato da garota. Mostra também, um reconhecimento de seu próprio corpo, saindo da infância para a pré-adolescência, o que pode gerar riscos, devido a um corpo feminino que para alguns pode ser desejado e sujeito a perigos. Louro (2000) discute que o corpo é capaz de construir identidades, estas que são moldadas e impregnadas nos sujeitos no decorrer da história, ela expõe que:

o lócus da construção das identidades é o corpo. Ali se inscreve e, conseqüentemente, se pretende ler a identidade dos sujeitos. Marcado pela história, moldado e alterado por distintos discursos e práticas disciplinadoras, o corpo da mulher permanece, ainda hoje, como o alvo mais visível e o mais claro representante da sexualidade. De algum modo, ele carrega toda a ambivalência que, historicamente, lhe foi atribuída: mantém-se ‘problemático’, escorregadio, fragmentado em representações divergentes ou antagônicas. (2000, p.71)

Vê-se, portanto, que o corpo feminino é representante da sexualidade, representação essa construída no decorrer da história. Isso, porém, faz com que a mulher seja ainda hoje, na sociedade brasileira, um alvo maior de agressões sexuais, o que gera o medo, o cuidado com o corpo, tanto pelas meninas quanto pelos familiares, limitando o acesso à cidade e a outros espaços que possam trazer o perigo para as mesmas.

Os relatos citados anteriormente podem ser um indicativo de que o medo da menina/mulher vai muito além do medo de assaltos, mas apresenta também o medo da violência sexual. Embora as meninas ainda não compreendam, seus pais e familiares buscam usar de instrumentos para que as meninas cuidem de seus corpos e tenham medo de pessoas estranhas e de andar sozinhas pelo bairro. Enquanto os meninos sabiam exatamente quais eram seus medos em relação ao bairro, as meninas nem sempre compreendiam o porquê do medo que sentiam.

As duas outras crianças que não apresentaram esse medo da violência, não quer necessariamente dizer que elas não tenham medo, mas talvez esse medo seja mascarado, possivelmente pelo fato de serem crianças que estão sob o cuidado constante dos familiares. Uma delas (Alice) nunca teve a possibilidade de andar de ônibus, nem mesmo com os adultos, também nunca saiu sem a companhia de alguém mais velho, o que pode indicar esse cuidado excessivo, escondendo a existência da violência nos espaços da cidade.

Esse medo da violência contra a mulher, ressalta Martínéz Bonafé (2013), decorre de que a cidade apresenta uma “arquitetura do medo, ou contra o medo da solidão, a má iluminação, os chamados ‘espaços armadilhas’, as colunas (...) os caminhos estreitos fazem com que muitos espaços da cidade sejam lugar de temor para as mulheres” (2009, p.450). Vê-se, portanto, uma cidade que possui espaços de lazer, brincadeiras, passeios, mas que também possui espaços de medo, de violência, tráfico, o que muitas vezes impossibilita, principalmente às meninas de explorarem os diversos espaços para realizarem suas brincadeiras e desenvolver suas próprias formas de socialização.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir desse estudo, foi possível compreender a influência da cidade e das instituições na construção de identidades femininas e masculinas. Essas identidades entram, portanto, numa análise de gênero, em que se discute, de acordo com Louro (2014), as diferenças socialmente construídas entre homens e mulheres, não se opondo às diferenças sexuais, mas avaliando a construção social do homem e da mulher sobre essas diferenças biológicas. Este estudo, portanto, possibilitou que fossem avaliadas as diferenças entre homens e mulheres, com uma ênfase sociológica, tendo como intuito desconstruir um ideal de que as diferenças são naturais e apenas biológicas.

Ao analisar os diferentes modos de socialização das crianças nos bairros e na cidade de Curitiba, podem-se notar inúmeras diferenças entre meninos e meninas com relação às atividades e espaços que as crianças pesquisadas frequentavam. Desta forma, foi possível verificar a partir do levantamento de dados, que os meninos recebem mais incentivos, tanto da família, parentes, vizinhos e escola, com relação a atividades esportivas, e o manuseio das tecnologias digitais, bem como futebol, lutas e vídeo game. Em contrapartida, as meninas normalmente são engajadas em atividades que exigem maior delicadeza e intelectualidade, bem como atividades de dança, ginástica, leitura, entre outras. Assim sendo, pode-se verificar também, que a maior parte das crianças que realizam atividades de reforço escolar e sala de recursos são meninos, sendo possível presumir que isso aconteça devido à falta de investimento em atividades próximas ao modo escolar e um maior investimento em atividades relacionadas à força e agilidade.

Visto isso, cabe destacar que essa opção por escolhas de atividades consideradas socialmente femininas ou masculinas possui uma relação com a construção histórica de uma identidade de gênero. Assim, parte-se do pressuposto de que a criança produz cultura, interpretando atividades realizadas por adultos de modo a atender suas necessidades. Essa interpretação condiz com as influências do meio, ou seja, a criança se socializa conforme o que o meio lhe disponibiliza, conforme os incentivos familiares, dos amigos e escola, que colaboram para a construção de uma subjetividade feminina ou masculina. Essa interação, portanto, é

o que colabora para uma construção de uma identidade de gênero e influencia para que a menina se construa menina e o menino se construa menino.

Com base na análise das entrevistas, foi possível compreender como as crianças se consideram meninas ou meninos, sendo apresentados trechos das falas das crianças, com relação às atividades do contraturno, consumo e violência. Esses relatos e comentários possibilitaram uma compreensão de que as crianças possuem visões diferentes ao depender do seu gênero e que essas visões são construídas e reforçadas pelas diversas instituições e meios sociais, o que faz muitos sujeitos acreditarem ou entenderem essas diferenças femininas e masculinas como algo natural e imutável, não como algo social e historicamente construído no decorrer dos anos.

Contudo, é possível considerar que desde a infância a identidade de gênero está sendo construída, e que as instâncias de socialização (escola, igreja, parques, festas, mídia, família, entre outros) influenciam na construção da subjetividade da criança, colaborando com a construção da sua individualidade, o que resulta nas diferenças de gênero. Portanto, é necessário analisar essas construções sociais com o intuito de desconstruir as desigualdades de gênero e o preconceito contra a mulher, que coloca a mesma como sendo inferior ou submissa ao homem, buscando uma maior igualdade de gênero entre toda a nossa sociedade.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Maria Carmen Silveira. Culturas escolares, culturas de infância e culturas familiares: as socializações e a escolarização no entretecer destas culturas. **Educ. Soc.**, Out 2007, vol.28, no.100, p.1059-1083. Disponível em:

<http://www.scielo.br/pdf/es/v28n100/a2028100.pdf> Acesso dia 17/08/15.

BORIS, G. D. J.; CESÍDIO, M. H. Mulher, corpo e subjetividade: uma análise desde o patriarcado à contemporaneidade. **Revista Mal-Estar e Subjetividade**, Fortaleza, v. VII, n.2, p. 451-478, set/2007. Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1518-61482007000200012&script=sci_arttext&tlng=en Acesso dia 03/11/2015.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. **Cidade de muros**: crime, segregação e cidadania em São Paulo. São Paulo: Ed. 34 / Edusp, 2000

CALVINO, Italo. **As cidades invisíveis**. 2ª edição, São Paulo: Companhia das Letras, 2006, 150p.

CARVALHO, Marília Pinto de; SENKEVICS, Adriano de Souza; LOGES, Tatiana Avila. O sucesso escolar de meninas de camadas populares: qual o papel da socialização familiar?. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 40, n. 3, p. 717-734, jul./set. 2014. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1517-97022014000300009&script=sci_arttext
Acesso em: 08/12/2015.

CORSARO, W. A. Reprodução Interpretativa e Cultura de Pares. In..MÜLLER, F.; CARVALHO, A. M. A. (Orgs.). **Teoria e prática na pesquisa com crianças**: Diálogos com Willian Corsaro. São Paulo: Cortez, 2009; p. 31-50.

DIETZSCH, Mary Julia Martins; Leituras da cidade e educação. Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, **Cadernos de Pesquisa**, v. 36, n. 129, p. 727-759, set./dez. 2006. Disponível em:

<http://www.scielo.br/pdf/cp/v36n129/a1136129> Acesso dia: 21/04/15.

DUEK, Carolina. Infancia, desarrollo y conocimiento: los niños y niñas y su socialización. **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud**, vol. 8, 2010. Disponível em:

<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=77315155002> Acesso em 09/07/2015.

FELIPE, Jane. Infância, gênero e sexualidade. **Educação e Realidade**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Vol. 25, p. 115 à 131, 2000. Disponível em:

<http://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/48688> Acesso dia: 08/09/2015.

FINCO, Daniela; A educação dos corpos femininos e masculinos na Educação Infantil. p.94-117. In: FARIA, Ana Lúcia de (org.). **O coletivo em creches e pré-escolas: falares e saberes**. São Paulo: Cortez, 2007.

FINCO, Daniela. Socialização de Gênero na Educação Infantil. **Fazendo Gênero 8 - Corpo, Violência e Poder**. Florianópolis, 2008, (FEUSP). Disponível em:

http://aristarco.fe.unb.br/gde/images/livros/socializacao_de_genero.pdf Acesso em: 13/05/2015.

FINCO, Daniela. VIANNA, Claudia. Meninas e meninos na educação infantil: uma questão de gênero e poder. **Cadernos pagu**, Campinas, n. 33, 2009. Disponível em:

<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n33/10.pdf> Acesso dia 08/09/2015.

GEE, Paul James. Bons videogames e boa aprendizagem. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 27, n. 1, 167-178, jan./jun. 2009. Disponível em:

http://www.perspectiva.ufsc.br/perspectiva_2009_01/James.pdf Acesso em 03/07/2015.

LAHIRE, Bernard. **Sucesso escolar nos meios populares: As razões do improvável**. São Paulo, Ed. Ática, 1997.

LENCIONI, Sandra. Observações sobre o conceito de cidade e urbano. São Paulo, GEOUSP - **Espaço e Tempo**, n. 24, pp. 109 - 123, 2008. Disponível em:

<http://citrus.uspnet.usp.br/geousp/ojs-2.2.4/index.php/geousp/article/view/206/88>

Acesso em 21/04/15.

LOURO, Guacira Lopes; Corpo, escola e identidade. **Educação e Realidade**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Vol. 25, p. 115 à 131, 2000. Disponível em:

<http://www.seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/viewFile/46833/29119> Acesso

em: 08/12/2015.

LOURO, Guacira Lopes; **Gênero, sexualidade e educação**: Uma perspectiva pós-estruturalista. 16ª edição, Rio de Janeiro, Editora Vozes, 2014.

LOURO, Guacira Lopes. Uma leitura da história da educação sob a perspectiva de gênero. **Teoria e Educação**, nº 6. Porto Alegre, 1994, p. 31-46. Disponível em:

<http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/11412/8317> Acesso dia

08/09/2015.

MARTINEZ BONAFÉ, Jaume. A cidade no currículo e o currículo na cidade. *In*: SACRISTÁN, José Gimeno (org). **Saberes e incertezas sobre o currículo**. Tradução: Alexandre Salvaterra. Porto Alegre: Penso, 2013.

MARTIN, Viviane Barrére; ANGELO, Margareth. A organização familiar para o cuidado dos filhos: percepção das mães em uma comunidade de baixa renda. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, vol.7, no.4, Ribeirão Preto, 1999. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11691999000400012

Acesso dia 03/11/2015.

MOLLO-BOUVIER, Suzanne. Transformação dos modos de socialização das crianças: uma abordagem sociológica. **Educ. Soc.**, Ago 2005, vol.26, no.91, p.391-403. Disponível em:

<http://www.scielo.br/pdf/es/v26n91/a05v2691.pdf> Acesso dia 31/08/2015.

MONTANDON, Cléopâtre. Sociologia da Infância: balanço dos trabalhos em Língua Inglesa. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 112, p. 33-60, mar. 2001. Disponível em:

<http://www.scielo.br/pdf/cp/n112/16100.pdf> Acesso em 31/08/2015.

NICHOLSON, Linda. Interpretando o gênero. Tradução Luiz Felipe Guimarães Soares. **Revista Estudos Feministas**, 8 (2), 2000. Disponível em:

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/11917/11167> Acesso dia 13/05/2015.

PRETTO, Zuleica; DE S. LAGO, Mara C. Reflexões sobre infância e gênero a partir de publicações em revistas feministas brasileiras. **Revista Artemis**, V. 15, 2013.

RIBEIRO, Jucélia Santos Bispo. Brincadeiras de meninas e de meninos: socialização, sexualidade e gênero entre crianças e a construção social das diferenças. **Cadernos Pagu** (26), janeiro-junho de 2006: pp.145-168. Disponível em:

<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n26/30389.pdf> Acesso em: 01/12/2015.

SARMENTO, Manuel Jacinto e PINTO, Manuel. As crianças e a infância: definindo conceitos, delimitando o campo. In. _____. **As crianças, contextos e identidades**. Braga, Portugal. Universidade do Minho. Centro de Estudos da Criança. Ed. Bezerra, 1997.

SARMENTO, Manoel Jacinto. As culturas da infância nas encruzilhadas da 2ª modernidade. Braga: **Instituto de Estudos da Criança**, Universidade do Minho, 2003. Disponível em:

<http://proferlaotrabalhosalunos.pbworks.com/f/AS+CULTURAS+DA+INFANCIA+NA+ENCRUZILHADA+DA+SEGUNDA+MODERNIDADE..pdf> Acesso em 17/08/15.

SARMENTO, Manoel Jacinto. Imaginário e culturas da infância. **Cadernos de Educação**, Pelotas, v. 12, n. 21, p. 51-69, 2002. Disponível em:

http://titosena.faed.udesc.br/Arquivos/Artigos_infancia/Cultura%20na%20Infancia.pdf Acesso em 17/08/15.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Sociologia da infância: correntes e confluências. In: SARMENTO, Manuel; GOLVEA, Maria Cristina Soares de. **Estudos da Infância: Educação e Práticas Sociais**. 2ª edição, São Paulo, 2009, Editora Vozes. 277p..

SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, vol. 16, nº 2, Porto Alegre, jul./dez. 1989. Disponível em:

http://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/185058/mod_resource/content/2/G%C3%AAAnero-Joan%20Scott.pdf Acesso dia 08/09/2015.

SENKEVICS, Adriano Souza. Lavar a louça ou brincar na rua? Gênero, família e escola em camadas populares de São Paulo. **37ª Reunião Nacional da ANPEd** – 04 a 08 de outubro de 2015, UFSC – Florianópolis. Disponível em:

<http://37reuniao.anped.org.br/wp-content/uploads/2015/02/Trabalho-GT14-3514.pdf>
Acesso dia: 01/12/2015

SETTON, Maria da Graça Jacintho, A particularidade do processo de socialização contemporâneo. **Revista de sociologia da USP**, v. 17, n. 2, 2005. Disponível em:

<http://lrc.nutes.ufrj.br/constructore/objetos/obj22003.pdf> Acesso em: 13/05/2015.

SIROTA, R. Emergência de uma sociologia da infância: evolução do objeto e do olhar. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 112, p. 7-31, mar. 2001. Disponível em:

<http://egov.ufsc.br/portal/sites/default/files/anexos/25374-25376-1-PB.pdf> Acesso em 17/08/15.

SOUZA, Camilo Araújo Máximo de; VAZ, Alexandre Fernandez; BARTHOLLO, Tiago Lisboa; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. Difícil reconversão: futebol, projeto e destino em meninos brasileiros. **Horiz. Antropol.**, vol.14 nº 30, Porto Alegre, 2008. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-71832008000200004&script=sci_arttext&tlng=en. Acesso em 23/07/2015.

TEIXEIRA. Katiane Farias; LIMA, Rafaelly Oliveira; GUSSI, Alcides Fernando. Reflexões sobre gênero e consumo na publicidade entre mulheres da periferia de Fortaleza (ce). **Departamento de Economia Doméstica da Universidade Federal do Ceará**. 2009. Disponível em:

http://www.xxcbcd.ufc.br/arqs/gt5/gt5_21.pdf Acesso dia: 02/12/2015



Universidade Federal do Paraná
Setor de Educação
Curso de Pedagogia



TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
Ficha de Acompanhamento de Orientação – 2º Semestre 2015

Estudante 1	Sabrina Fiorese
Estudante 2	
Orientador/a	Valéria Milena R. Ferreira
Tema/Título	Criança, Espaço, Gênero

DATA	Tema tratado	Observações	Rubrica Orientador/a
21/08	Organização teórica		<i>[Handwritten signature]</i>
04/09	Organização teórica		<i>[Handwritten signature]</i>
18/09	Análise dos dados		<i>[Handwritten signature]</i>
16/10	Análise dos dados		<i>[Handwritten signature]</i>
06/11	Análise dos entrevistados		<i>[Handwritten signature]</i>
20/11	Análise dos entrevistados		<i>[Handwritten signature]</i>
04/12	Fechamento do trabalho		<i>[Handwritten signature]</i>